



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL
(POSMEX)

**A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO DAS MULHERES TRABALHADORAS
RURAS DO SERTÃO CENTRAL DE PERNAMBUCO: 1984 - 2015**

RECIFE - PE

2016

CRISTIANA RODRIGUES CARVALHO

**A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO DAS MULHERES TRABALHADORAS
RURAS DO SERTÃO CENTRAL DE PERNAMBUCO: 1984 - 2015**

RECIFE - PE

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL
(POSMEEX)

A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO DAS MULHERES TRABALHADORAS
RURAIS DO SERTÃO CENTRAL DE PERNAMBUCO: 1984 - 2015

CRISTIANA RODRIGUES CARVALHO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local.

Prof. Dra. Maria Aparecida Tenório Salvador da Costa
Orientadora

RECIFE - PE
2016

Ficha catalográfica

C331t Carvalho, Cristiana Rodrigues
A trajetória do movimento das mulheres trabalhadoras rurais do sertão central de Pernambuco: 1984 - 2015 / Cristiana Rodrigues Carvalho. – Recife, 2016.
86 f. : il.

Costa.
Rural
Recife,
2016.

Orientadora: Maria Aparecida Tenório Salvador da
Dissertação (Programa de Pós-Graduação Extensão e Desenvolvimento Local) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação,

Inclui referências e apêndice(s).

1. Trabalhadoras rurais 2. Mulheres do campo
3. Desenvolvimento local 4. Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco (MMTR) 5. Discursos, alocações, etc I. Costa, Maria Aparecida Tenório Salvador da, orientadora II. Título

CDD 303.44

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL
(POSMEX)

**A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO DAS MULHERES TRABALHADORAS
RURAS DO SERTÃO CENTRAL DE PERNAMBUCO: 1984 - 2015**

CRISTIANA RODRIGUES CARVALHO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Defendida e aprovada pela seguinte banca:

Prof.^a Dra. MARIA APARECIDA TENÓRIO SALVADOR DA COSTA

Orientadora

Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local - POSMEX
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof.^a Dra. IRENILDA DE SOUZA LIMA

Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local - POSMEX
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof.^a Dra. DENISE BOTELHO

Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades - PPGECI
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof.^a Dra. GILVÂNIA DE OLIVEIRA SILVA DE VASCONCELOS

Departamento de Educação – Examinadora Suplente

Dedicatória

Às mulheres agricultoras rurais do Sertão Central de Pernambuco, que revelou a força da mulher sertaneja.



Figura 1. Imagem de Ana Bosch – 1984 – Relatório do 1.º Encontro de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco, capa.

*Companheiras nordestinas
Constrói nova sina, vamos caminhar.
Ganhando a terra e a rua
A força que é tua, ninguém vai quebrar.
Traz os teus filhos na paz
Na lei e na roça a vitória já vem
Une teu braço ao do homem
Pra vencer a fome e cantar o bem.*

(Baião da Nova Mulher – 1986 – Izabel-Sape-PE)

Agradecimentos

Sem sombra de dúvida, desenvolver um trabalho como este, não é tarefa fácil. Um conjunto de vozes, conhecimentos, saberes e contribuições deram corpo e volume à pesquisa científica e como consequência, a esta dissertação. Professores, orientadores, trabalhadoras rurais, integrantes dos movimentos sociais, e muito mais gente envolvida, que foram procuradas e ouvidas para que fosse possível compreender seus discursos e tentar retratar o tema pesquisado. Os méritos da titulação acadêmica farão parte do meu credenciamento na trajetória que escolhi, dentro dos meios universitários e de pesquisa; mas o trabalho é fruto de uma construção colaborativa, participativa, que reuniu diversas pessoas e que me proporcionou momentos importantes e inesquecíveis de aprendizado, refletindo diretamente na minha percepção diante do mundo rural.

Agradeço à paciência do meu esposo, que esteve ao meu lado, desde a seleção do mestrado até o último ponto e vírgula impresso. Agradeço à minha mãe, *in memoriam*, inspiradora, determinada, altruísta e que sempre me ensinou a buscar meus sonhos, independentemente de seu grau de dificuldade. Ela sempre dizia “Querer é poder quando se sabe querer”. A minha gratidão ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – Posmex que proporcionou o encontro com os professores e professoras que reafirmaram a minha certeza para a formação neste Programa, assim como a presença dos colegas que estimularam o clima de amizade e companheirismo para que nos entregássemos à pesquisa e aos novos aprendizados.

Meu muito obrigada à orientadora Maria Aparecida Tenório por compreender a importância e abrangência da pesquisa, assim como orientar as muitas dúvidas e questionamentos, sempre reservando um espaço para a minha autonomia e liberdade de pensamento. Um verdadeiro aprendizado. Agradeço a cada mulher trabalhadora rural do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central – MMTR-Sertão Central – PE, que me ensinou a entender suas lutas, conquistas e vitórias. Obrigada por me permitir conhecer suas histórias de vida, compreender suas lágrimas e entender melhor seus discursos. Sou grata também a todas as mulheres que constroem o MMTR -Sertão Central – PE, às diretoras e aos diretores da FETAPE e aos dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais das cidades de Serra Talhada, Custódia, São José do Belmonte e dos demais municípios do sertão central pernambucano que me receberam com respeito e atenção.

Resumo

Esta dissertação apresenta uma análise da trajetória de mobilização, engajamento e articulação das mulheres agricultoras rurais, que resultou no Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco – MMTR – Sertão Central-PE, desde seu surgimento, em 1984 até o ano de 2015. A partir de 1982, as mulheres da referida região, que trabalhavam na agricultura familiar, começaram a se reunir, discutir seus interesses, organizar seus discursos a partir das trocas de experiências entre elas e outros sujeitos, criando assim novas relações sociais e produtivas que influenciaram suas comunidades e contribuíram para o desenvolvimento local. Nesse contexto, surge o MMTR-Sertão Central- PE, que se caracterizou como um espaço de reflexão, organização e ação coletiva. Ao longo de mais de 30 anos de luta, o Movimento desenvolveu estratégias de comunicação diferenciadas ao mesmo tempo em que (re) construiu discursos e posicionamentos que permitiram uma maior autonomia, visibilidade e empoderamento às trabalhadoras rurais, transformando as relações sociais ao longo da trajetória do grupo e influenciando as comunidades rurais. Para compreender o percurso deste Movimento foi construída uma metodologia de apreensão de dados com base na análise documental, na observação e nas entrevistas semiestruturadas e, como metodologia de análise do acervo coletado foi utilizada a Análise de Discurso, apoiada nos estudos desenvolvidos por Michel Foucault, Michel Pechêux e Eni P. Orlandi. O campo teórico integra os estudos sobre os Movimentos Sociais, à luz das pesquisas desenvolvidas por Maria Gloria Gohn e Alberto Melucci, interacionando estas teorias aos estudos sobre comunicação nos movimentos sociais por Cecília Peruzzo. Buscou-se ligar o campo conceitual ao universo no qual as trabalhadoras estão inseridas, evidenciando assim seus códigos, crenças e linguagens, que normalmente se apresentam estruturadas em uma forma de vida particular e diferenciada, sustentada pela base de uma agricultura familiar. O conceito de Desenvolvimento Local foi abordado, a partir das análises de Paulo de Jesus, por valorizar o capital social, as atividades coletivas e a influência exercida nas comunidades rurais. Desse modo, o estudo buscou compreender os elementos que foram determinantes para que as mulheres tivessem coragem de combater as dificuldades que as excluía das questões sociais, que rebatiam nas suas vidas, ao mesmo tempo em que sentiam uma maior necessidade e urgência de se reunirem e se organizarem enquanto movimento social.

Palavras-Chaves: Movimento Social de Mulheres Rurais. Desenvolvimento Local. Discurso.

Abstract

This essay presents a review on the path of mobilization, engagement and articulation of rural women agriculturists that resulted in the Movement of Rural Working Women of Pernambuco Outback Midland - RWWPOM - Outback Midland, PE, since its inception in 1984 until the year of 2015. Since 1982, the women of that region, who worked in family farming began to gather to discuss their concerns, organize their speeches from the exchange of experience between them and other subjects, creating new social and productive relationships that influenced their communities and contribute to local development. In this context, RWWPOM -Outback Midland - PE arises, which was characterized as a space for reflection, organization and collective action. Over more than 30 years of struggle, the Movement developed communication strategies differentiated while (re)built speeches and positions that allowed more autonomy, visibility and empowerment to rural workers. To understand the course of this Movement was built a data seizure methodology based on document analysis, observation and the semi-structured interviews and as a methodology for analyzing the collected collection were used to Discourse Analysis, supported by studies carried out by Michel Foucault, Pêcheux and Eni P. Orlandi. The theoretical course includes studies of the social movements in the light of the research developed by Maria Gloria Gohn and Alberto Melucci, interacionando these theories to the study of communication in social movements by Cecilia Peruzzo. It sought to turn on the conceptual level to the universe in which workers are inserted, showing their codes, beliefs and languages, which usually present structured in a particular and different way of life, supported by the base of a family farming. Thereby, the study seek to understand the elements that were crucial for women to have the courage to oppose the difficulties that excluded social issues, which countered in their lives, while they felt a greater need and urgency to meet and organize as a social movement.

Key-words: Social Movement of Rural Women. Local Development. Speech

LISTA DE FIGURAS

- 1 –Imagem de Ana Bosch – 1984 – Relatório do 1.º Encontro de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco, capa)
- 2 – Imagem de Ana Bosch – 1995 – Relatório do 10.º Encontro de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco, pág. 23)
- 3- Mapa do Sertão Central de Pernambuco.
- 4 - Imagem de Ana Bosch – 1985 – Relatório do 2.º Encontro de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco, pág. 20)
- 5-Desenho da trabalhadora rural – 1995 – Relatório do 10º Encontro de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco.

RESUMO

LISTA DE FIGURAS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPITULO I – MMTR – Sertão Central – PE: três décadas de luta, organização e conquistas..	18
CAPÍTULO II – Revisão da Literatura	27
CAPÍTULO III – Caminho Metodológico.....	33
1- O universo pesquisado.....	33
2- Os sujeitos da pesquisa.....	34
3- As técnicas e os instrumentos da pesquisa.....	35
4- A metodologia de análise das informações coletadas: Análise de Discurso.....	36
CAPÍTULO IV – Os discursos que revelam a trajetória do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE: ARTIGO CIENTÍFICO.....	58
ANEXOS.....	83



Figura 2. Imagem de Ana Bosch – 1995 – Relatório do 10.º Encontro de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco, pág.23.

DEIXA-ME VIVER

*Deixa-me viver, deixa-me falar;
Deixa-me crescer, deixa-me organizar.*

(Maria Pereira – Flores – 1986)

INTRODUÇÃO

Historicamente, a vida das mulheres trabalhadoras rurais do Sertão Central de Pernambuco traz as marcas de muitas lutas e algumas conquistas. Elas nasceram e cresceram em uma sociedade machista e patriarcal, cercadas por diversos tipos de violência e desigualdade, onde as relações sociais vigentes favoreciam o poder do mais forte, ou seja, dos homens. Os discursos defendidos por padres, políticos, donos de terras, esposos e filhos dessa região, não valorizavam a participação e a opinião das mulheres, inicialmente em casa e em seguida nos diversos espaços sociais. Assim, entendia-se a mulher, dentro e fora de casa como submissa, serviçal e voltada para os trabalhos domésticos e o bem estar de todos da família.

No início dos anos de 1980, mesmo diante dessa realidade, surge um pequeno grupo de mulheres, da citada região, que inicia um longo percurso para enfrentar e romper com os padrões sociais dessa época. As mulheres que trabalhavam na agricultura familiar começaram a se reunir, discutir seus interesses, organizar seus discursos a partir da troca de experiências entre elas e outros sujeitos, criando novas relações sociais que passaram a influenciar a comunidade e no desenvolvimento local. Elas realizaram as primeiras articulações que contribuíram para o surgimento de um movimento liderado por trabalhadoras rurais, conferindo a estes sujeitos sociais, visibilidade e autonomia. Assim, nascia em 1984 o Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco – MMTR-Sertão Central - PE.

Com essa articulação, as agricultoras passaram a se posicionar como trabalhadoras rurais e a participar das instâncias de tomadas de decisões que influenciavam suas vidas, tanto na esfera particular quanto coletiva, lutando por seus direitos e criando uma organização pautada em legítimas reivindicações. A trajetória dessas agricultoras, destacadamente suas lutas e conquistas, tornou-se foco de interesse da pesquisa que resultou neste trabalho. Desse modo, a pesquisa buscou compreender os elementos que foram determinantes para que as mulheres tivessem coragem de combater as dificuldades que as excluía das questões sociais, que rebatiam nas suas vidas, ao mesmo tempo em que sentiam uma maior necessidade e urgência de se reunir e se organizar enquanto movimento social.

A aproximação da pesquisadora com o universo das agricultoras possibilitou um maior entendimento dos elementos que envolvem o universo rural, ou seja, seus códigos, suas linguagens e formas particulares de comunicação. Essa aproximação se

traduziu numa pesquisa exploratória, que permitiu uma construção consistente do objeto de pesquisa.

O primeiro encontro se deu no segundo semestre de 2012, através de uma entrevista com uma das líderes e fundadoras do MMTR-Sertão Central- PE, Vanete Almeida, para um determinado jornal. Ela não era trabalhadora rural, mas iniciou sua participação em movimentos populares desde a adolescência influenciando diretamente a vida das mulheres da sua comunidade. Ao desenvolver um trabalho de base como assessora da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco – FETAPE- essa líder deparou-se com a ausência da mulher nas discussões sindicais, gerando em si um grande inconformismo. Logo depois, juntamente com duas colegas de trabalho, iniciou a jornada de sensibilização e comunicação com as agricultoras sertanejas.

Ouvir o relato dessas mulheres sobre as dificuldades para mobilizar as agricultoras, o dia a dia no meio rural, a desvalorização das trabalhadoras rurais e a falta de reconhecimento profissional desses sujeitos sociais, foi decisivo para despertar o interesse por este campo de estudo, assim como pelo desenvolvimento do objeto de pesquisa. Em um encontro no distrito de Caiçarinha da Penha, no município de Serra Talhada, foi possibilitado o acesso a fotos da época, gravuras, relatórios, livros publicados e todo o conjunto de informações de mais de trinta anos do Movimento. O reconhecimento dessas trabalhadoras, em nível nacional e mundial, mostrou a relevância da união das mulheres em busca de uma melhor qualidade de vida como cidadãs e trabalhadoras.

Dessa maneira, a curiosidade em entender como as agricultoras despertaram para a necessidade de criar um movimento que lhes conferissem uma maior autonomia motivou o interesse pelo desenvolvimento da pesquisa que se debruçaria sobre a trajetória de mobilização, engajamento e organização desse grupo, a partir dos anos de 1984, quando surge oficialmente o movimento, até o ano de 2015. A pesquisa exploratória que permitiu compreender o mundo dos trabalhadores rurais, contou com a colaboração das agricultoras, de assessoras da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco (FETAPE) e com integrantes do Sindicato de Trabalhadores Rurais das cidades de Serra Talhada, Custódia, São José do Belmonte, entre outros que compõem o Polo Sertão Central. O envolvimento da pesquisadora com a realidade de organização das agricultoras ampliou o campo de aprendizagem e possibilitou conhecer de perto a história de vida e as bandeiras de luta dessa parcela da

sociedade. Esta fase da pesquisa ofereceu dados qualitativos e quantitativos que nortearam a construção do objeto de pesquisa.

Diante do exposto, a pesquisa foi construída a partir dos seguintes objetivos:

Objetivo geral:

Analisar a trajetória do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central do estado de Pernambuco – MMTR-Sertão Central-PE, no período de 1984 a 2015.

Objetivos específicos:

- 1- Reconhecer as estratégias de comunicação utilizadas pelo MMTR– Sertão Central-PE para a mobilização e organização das mulheres agricultoras;
- 2- Compreender as contribuições que o MMTR– Sertão Central- PE proporcionou à vida das mulheres agricultoras e ao desenvolvimento local.

A investigação que resultou no trabalho, ora apresentado, é relevante para o campo da pesquisa qualitativa porque possibilitou compreender os discursos e as trajetórias individuais e coletivas das agricultoras, que foram analisados levando em consideração os sujeitos, os instrumentos e as estratégias de comunicação dirigida que influenciaram no processo de mobilização e engajamento do MMTR- Sertão Central-PE. A influência da participação da mulher, num cenário machista, também foi levada em consideração, principalmente nos fatos e argumentos relacionados à abrangência dessa participação na consolidação dos discursos que conferiram às trabalhadoras rurais maior empoderamento.

A pesquisa também contribuiu com a comunidade acadêmica porque traz novos dados sobre a trajetória do Movimento, sua influência em comunidades rurais no estado de Pernambuco, seu alcance, ao mesmo tempo em que amplia os estudos teóricos acerca da Análise do Discurso, a partir das variadas formas de comunicação utilizadas pelas mulheres do MMTR- Sertão Central- PE, que impactou, entre outros, no desenvolvimento local.

A dissertação está organizada em quatro capítulos, seguidos pelas considerações finais. No primeiro capítulo, é abordado o momento histórico vivido pelas trabalhadoras rurais antes da criação do Movimento, no início da década de 1980, assim como o percurso empreendido e que marcou a trajetória de luta e engajamento do grupo enquanto movimento social. O capítulo ainda problematiza as relações sociais e

trabalhistas da época, o rompimento com padrões sociais, os primeiros posicionamentos e reivindicações por melhores condições de vida, de trabalho e de moradia.

No capítulo II, destinado à Revisão da Literatura, procurou-se delimitar a temática estudada no universo da pesquisa científica no Brasil. Muitos são os trabalhos desenvolvidos sobre os movimentos sociais conduzidos por mulheres no país, contudo não foram encontrados estudos específicos sobre a trajetória do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais - MMTR, do Sertão Central do estado de Pernambuco, com o recorte temporal de 1984 a 2015, e examinados à luz da Análise de Discurso. Os autores e os conceitos referidos nesse capítulo colaboraram para a compreensão ampliada desse universo rural, além da contribuição para o entendimento sobre as influências, transformações e contribuições que as mulheres do MMTR, do Sertão Central-PE proporcionaram/proporcionam nos espaços coletivos.

O terceiro capítulo traz a Metodologia da Pesquisa, que descreve o cotidiano do estudo, seu recorte tempo-espacial e a aplicação das técnicas e instrumento de coleta de informações. O quarto capítulo trata dos discursos das mulheres trabalhadoras rurais, interagindo com os objetivos da pesquisa e com a análise dos dados baseada na Análise de Discurso, apoiada, principalmente, nos estudos de Michel Foucault, Michel Pechêux e Eni Orlandi. Nas considerações finais é discutida a importância dos dados encontrados, no que tange aos objetivos propostos para a pesquisa, as reflexões teóricas, o caminho metodológico e as alterações do seu percurso, assim como, os novos horizontes que este trabalho sugere.

CAPÍTULO I – MMTR-Sertão Central-PE: três décadas de luta, organização e conquistas.

Antes da década de 80 do século XX, as mulheres trabalhadoras rurais do Sertão Central do estado de Pernambuco integravam os sindicatos apenas como dependentes de seus pais e maridos e sua participação dentro e fora de casa era submissa e voltada para o bem estar da família. Ainda que dividissem as tarefas na roça ou no trato com os animais, acumulando muito mais funções que os homens, havia naquela sociedade uma compreensão de que esse trabalho da mulher era complementar, uma simples ajuda aos chefes de família, conseqüentemente, não havia remuneração por seu desempenho e tampouco o reconhecimento de sua contribuição como trabalhadora rural. A produção na roça, na maioria dos sítios, destinava-se ao sustento da própria família e o pouco dinheiro arrecadado era aplicado na aquisição de itens do consumo familiar, como roupas, sapatos, utensílios para o lar, produtos alimentícios industrializados e instrumentos de trabalho.

As mulheres nascidas nesta região do estado pernambucano iniciavam os estudos após os 12 anos de idade, devido ao isolamento dos sítios onde moravam. As escolas ficavam muito distantes – segundo elas, entre 8 a 10 km das residências - e como eram desprovidas de recursos financeiros, não possuíam meios de transporte para frequentar as aulas e, essa situação se agravava porque muitas meninas precisavam ajudar seus pais na roça e nos trabalhos domésticos. Em outros casos, os pais não aceitavam que as filhas estudassem. Repetiam em suas falas que a mulher não poderia ficar mais sabida que o homem e, assim, o discurso vigente naquela época era de que a mulher ajudava em casa, depois casava e iria ajudar seu marido. Algumas se adaptavam a essa situação sem questionar e outras começaram a ir às escolas quando ficavam mais velhas, ingressando no ensino fundamental e enfrentando todo o tipo de discriminação pela idade e pelo descompasso do período escolar, e, algumas sem apoio familiar.

A forte seca que assolou o sertão pernambucano entre os anos de 1979 a 1984 teria impulsionado uma maior organização dessas mulheres, pois muitas delas passariam nesse período de estiagem, à condição de chefes de família. Essa condição de chefia era assumida pela ausência dos maridos, que sem oportunidade de trabalho, migravam para outras regiões do estado ou do país. Abreu e Lima (2012) aponta o alistamento feminino nas Frentes de Emergência no Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS) como uma bandeira de luta concreta, que despertaria

definitivamente nas mulheres uma atenção especial para a necessidade e urgência da criação de um movimento liderado pelas trabalhadoras rurais.

As primeiras abordagens junto a essas trabalhadoras rurais aconteceram no início da década de 1980, organizadas por uma das moradoras da região, Vanete Almeida¹, que ficava incomodada com a ausência das mulheres nas reuniões dos sindicatos dos trabalhadores rurais e, quando o encontro acontecia na casa de uma delas, sequer chegavam ao ambiente em que o grupo estava reunido. E, essa moradora, saía à procura das mulheres do campo para conversar com elas sobre a seca, sobre como gostariam que fossem as suas vidas, sobre a sua não participação nas reuniões no sindicato e, até mesmo nas reuniões realizadas em suas casas (ALMEIDA, 1995, pag.116).

Em muitos casos, participar de sindicato, nos anos 70 e 80, era visto como um risco moral para as mulheres, mesmo na condição de funcionária. Para Abreu e Lima (2012), esse tipo de discriminação é outro elemento que explica a pequena presença da mulher nesses espaços. Nas suas pesquisas, a autora constata que a participação das mulheres fazia com que elas ficassem “faladas” e no âmbito familiar, sofressem pressões muito fortes até porque a questão envolvia o aspecto emocional, afetivo, a honra e o nome da família.

Vanete Almeida realizava o trabalho em conjunto com Hauridete Lima e Zefinha Santos, todas assessoras da FETAPE, que percorriam o sertão pernambucano para sensibilizar as agricultoras sobre sua valorização e participação nas reuniões sindicais. Iniciaram o trabalho em Caiçarinha da Penha, distrito de Serra Talhada, distante 400 quilômetros da cidade do Recife. Esse trabalho de sensibilização estimulava as agricultoras sobre o seu envolvimento nas reuniões para discutirem algumas questões que surgiam naquela época, como a problemática da seca, por exemplo. E, através dessa abordagem, as líderes conseguiram despertar nas agricultoras a curiosidade sobre os temas, a vontade de cada uma de falar, de entender as questões sociais, de participar das discussões, de opinar e de se posicionar como mulher e como trabalhadora rural.

Essa articulação representou os primeiros passos para que surgisse o Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco – MMTR Sertão

¹. Vanete Almeida não era trabalhadora rural. No fim da década de 1970 e início da década de 1980, atuava junto a setores da Igreja Católica. Conhecida como liderança local, foi convidada por Euclides Nascimento, então presidente da FETAPE para realizar um trabalho de organização sindical na região tornando-se assessora da Federação no Polo Sertão Central e assim percebeu a ausência feminina nos sindicatos.

Central-PE. A primeira reunião, em dezembro de 1982, congregou apenas 14 mulheres, oriundas de cinco comunidades rurais. Nessa primeira discussão, as agricultoras apontaram diversas dificuldades como a falta de oportunidade nas Frentes de Emergência, a escassez de água e os preços caros dos produtos. Em janeiro de 1983, o grupo realizou novo encontro reunindo 11 mulheres de 04 comunidades, ainda abordando os mesmos assuntos e buscando, juntas, alternativas. Nos meses de março e junho, desse mesmo ano, 42 trabalhadoras rurais, de 07 comunidades, se reuniram propondo alternativas às problemáticas da época. Foram elencados 20 itens, entre eles: necessidade dos homens trabalharem na roça mesmo no período da seca, salário de emergência baixo, participação da mulher na luta sindical e a proposta de realizar um encontro com as mulheres na cidade pernambucana de Serra Talhada. Nos meses de novembro e dezembro de 1984, os encontros voltam a acontecer e as agricultoras traçam o planejamento para o 1º Encontro das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco.

Assim, o Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco, MMTR-Sertão Central-PE, nasce em 1984 como um espaço autônomo de discussão, debate e formação política, composto por mulheres rurais de Serra Talhada e 13 municípios sertanejos– Betânia, Calumbi, Capoeira, Cedro, Flores, Mirandiba, Pesqueira, Salgueiro, Sanharó, São José do Belmonte, Serrita, Triunfo e Verdejante. A maior dificuldade enfrentada no início das reuniões era o diálogo. Acostumadas a não falar, as mulheres encontraram muita dificuldade para a troca de informações, e romper com esse silêncio foi um dos desafios do Movimento. Em um dos livros publicados por Vanete Almeida, *Ser mulher no mundo dos Homens* (1995), nota-se o relato dos primeiros encontros, que eram realizados a meia luz para que as agricultoras pudessem discorrer sem serem identificadas ou repreendidas. Com isso, a coordenação do Movimento adotou diversos recursos comunicacionais, como desenhos, expressões corporais, dinâmicas de grupo, oficinas lúdicas, para que as agricultoras expressassem os seus pensamentos e seus desejos.

O primeiro encontro intitulado “*Somos mulheres e trabalhadoras, temos valor*”, debateu sobre a importância da mulher, e os depoimentos trouxeram uma discussão sobre a sua influência como mãe, esposa e trabalhadora. As participantes expressaram que se sentiam sem valor e que a elas não era dado nenhum direito, nem de falar ou de se manifestar (ALMEIDA, 1995). Participaram deste primeiro encontro, 33 mulheres, de oito municípios sertanejos.

A história da divisão do trabalho entre homens e mulheres através dos tempos, foi apresentada nessa primeira reunião às mulheres trabalhadoras rurais, em um álbum seriado² com imagens, que estimularam o debate e a reflexão. O objetivo desse primeiro encontro foi discutir a situação da agricultora, como mulher e como trabalhadora rural; conceber a proposta de um trabalho educativo específico para o MMTR Sertão Central-PE, assim como a definição e planejamento da continuidade do trabalho nos municípios dessa região. Assim, as agricultoras já revelavam as suas preocupações com a comunicação e o repasse de informações para as trabalhadoras que não puderam comparecer e, ao voltar à sua cidade participavam das reuniões sindicais ou de conversas informais nos sítios repassando as questões discutidas no encontro.

Os primeiros discursos foram muito significativos, porque passaram a romper com o que já vinha sendo dito durante muitos anos, fazendo com que as mulheres do campo refletissem e questionassem sua posição na sociedade. As falas eram ricas em palavras motivacionais, proferidas por mulheres que já ocupavam a presidência e diretoria de alguns sindicatos e que integravam a coordenação do Movimento. Essas líderes buscavam no discurso hegemônico explicação para a exclusão e discriminação da mulher, esclarecendo às agricultoras sobre o seu papel social.

Datas importantes, como o 8 de março (Dia Internacional da Mulher) passaram a ser comemoradas com manifestações das agricultoras pelas ruas dos municípios sertanejos, chamando a atenção para a valorização das mulheres, com passeatas, assembleias, entre outras ações populares que consagraram a data, até os dias de hoje, como um dia de festa, luta, denúncia e participação pública. Com o fortalecimento do Movimento e a periodicidade dos encontros, outras regiões do estado de Pernambuco despertaram para a necessidade de articulação e organização das trabalhadoras rurais estimulando o surgimento de novos grupos nas regiões da Zona da Mata Sul e do Agreste.

Em maio de 1985 foi elaborada pelas trabalhadoras rurais um documento intitulado: *“Proposta para aumentar a participação de nós mulheres rurais no nosso movimento sindical”*, e encaminhado pelas mulheres do Sertão Central ao IV Congresso Nacional de Trabalhadores Rurais, promovido pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG. O documento foi consolidado através das

² Álbum Seriado confeccionado pela coordenação do MMTR-Sertão Central-PE com frases curtas e desenhos. Foram usados pela coordenação do Movimento com a intenção de repassar informações que se relacionavam com o cotidiano das agricultoras.

discussões levadas nessa região e propunha incentivar encontros específicos de mulheres trabalhadoras rurais, promover treinamento de lideranças femininas, levantar e encaminhar as reivindicações específicas das mulheres e incentivá-las a serem delegadas de base e assumirem cargos de direção. Segundo relatos encontrados nos documentos da FETAPE, a proposição foi aprovada por unanimidade (MMTR-Sertão Central, 1994).

Uma das alternativas encontradas e utilizada como estratégia de comunicação dirigida para sensibilizar e mobilizar as agricultoras foi a criação do programa de rádio desenvolvido pelo Pólo Sindical Sertão Central e que se chamava *A Voz do Trabalhador Rural*. Em 1985, era veiculado aos domingos e durava 30 minutos. Segundo dados da FETAPE, 1987, a audiência era bastante significativa, comprovada pelo aumento da participação das mulheres durante as reuniões, assim como do interesse das mulheres em se envolver com a produção das informações a serem veiculadas. Todo o processo de criação, divulgação e edição das notícias era produzido pelas coordenadoras do Movimento e contava com a locução e entrevistas realizadas pelas próprias trabalhadoras rurais.

Esse programa de rádio gerou bons resultados, e funcionou por mais de 20 anos, dentro do Movimento, divulgando as informações e mobilizando um número cada vez maior de trabalhadoras rurais. Nos últimos 10 anos, o programa *A Voz do Trabalhador Rural* deixou de ser veiculado, não havendo uma justificativa clara para a sua inexistência, mas as agricultoras continuam repassando as informações, sensibilizando e mobilizando as trabalhadoras rurais, através da participação nos programas sindicais, que vão ao ar nas rádios locais, nos finais de semana, e contam com uma duração média de 15 a 30 minutos.

Com apenas três anos de Movimento, em dezembro de 1987, houve um despertar para uma articulação maior, em nível estadual. E assim, foi realizado o 1º Encontro Estadual das Mulheres Trabalhadoras Rurais reunindo 220 mulheres de diversos municípios, que trouxe uma importante troca de informações sobre os variados tipos de exploração, que sofrem as trabalhadoras rurais, tornando-se esse, um marco importante na trajetória do grupo de trabalhadoras rurais. A essa altura o engajamento dos grupos já significava a formação de uma grande rede de articulação e de conquista de relacionamentos maiores, com envolvimento da região Nordeste – que englobou nove estados nordestinos - e participação em encontros e debates nacionais.

Um aspecto relevante foi o crescimento da participação dos homens, no Movimento. Alguns deles, ainda que timidamente, tomaram a iniciativa de participar dos encontros a partir de 1987 e através de depoimentos encontrados nos relatórios anuais dessa época, passaram a reconhecer o valor das mulheres (Relatório do 4º Encontro de Mulheres Trabalhadoras do Sertão Central de Pernambuco, 1987). Aos poucos crescia a atuação das mulheres agricultoras em atividades sindicais - campanhas salariais, piquetes, ocupações e acampamentos - aumentaram também a sua presença como sindicalistas e em cargos de diretoria, bem como sua participação em campanhas mais gerais e políticas.

No que se referem, às questões mais específicas, as mulheres tornaram-se mais preparadas para discutir assuntos como saúde, corpo, sexualidade, preconceitos, direitos, entre outras. Trocavam experiências e conhecimentos sobre hortas comunitárias, remédios caseiros e comidas alternativas. Aprenderam a dar mais valor a si mesmas, a terem maior autoestima, mais coragem para falar e denunciar seus problemas, assumindo seu papel no espaço público.

No final dos anos 80, a partir da promulgação da Constituição, em 1988, foi efetivada a determinação de igualdade salarial. As mulheres conseguiram trabalhar nas frentes de emergência e passaram a garantir sua aposentadoria, o que não foi um processo fácil, pois nem sempre era possível comprovar sua participação como trabalhadora na produção agrícola, mas que possibilitou uma ampla campanha para as mulheres tirarem seus documentos e se esclarecerem a respeito de seus direitos. (ABREU E LIMA, 2012, p.221).

Os encontros anuais, na década de 1990, ficaram mais ampliados e envolveram, pela primeira vez, na trajetória do Movimento, meninos e meninas que desenvolveram uma reflexão sobre a educação que é repassada pelos pais, professores e por outros sujeitos sociais. Houve, pela primeira vez na história do Sertão Central pernambucano, um espaço para discutir, com as crianças, os conteúdos e as formas dos discursos entre pais e filhos, com significativas contribuições para uma reavaliação da divisão do trabalho. Segundo o nono relatório do Movimento, os meninos disseram que gostaram de brincar de casinha e as meninas apresentaram o mesmo contentamento ao experimentar as brincadeiras com bola. Acrescentaram que não deveria haver tanta separação entre meninos e meninas. (Relatório do 9º Encontro de Mulheres Trabalhadoras do Sertão Central de Pernambuco, 1993, pág.26).

No final dessa primeira década, o Movimento já discutia as relações de gênero, com debates entre trabalhadores e trabalhadoras. Surgiram algumas produções de livros que relataram aspectos da trajetória do grupo, com valorização de imagens, depoimentos e um espaço que narra toda a cronologia de luta das trabalhadoras rurais. Pesquisadores e escritores nacionais e internacionais desenvolveram diversos trabalhos com o tema (BARDALO, 2013; CORDEIRO, 2004; SANTOS; JALIL, 2013). A escritora alemã Cornelia Parisius lançou neste período, juntamente com Vanete Almeida, o livro *Ser Mulher num mundo de Homens*, divulgando-o nas cidades de Serra Talhada e Recife e em cidades no estado do Piauí. Um valioso relato das lutas, emoções, sonhos e crenças de uma das líderes do Movimento. “Esse livro começou a nascer do encontro de diferenças. Do diálogo entre diferentes. Qualquer um pode difundir valores que pretendam orientar uma melhor forma de viver para todos, mas só quando os vive verdadeiramente é que sua mensagem consegue contagiar e mover outros à ação” (PARISIUS, 1995, pag.222).

Assim, em meados dos anos 90, em 1995, foi realizado o 1º Encontro das Crianças Rurais do Pólo Sertão Central-PE representando um grande avanço das discussões que envolvem o Movimento, ao mesmo tempo em que abriu espaço para a formação de grupos jovens. Temas transversais como a AIDS (Síndrome da imunodeficiência adquirida - SIDA — em inglês: *acquired immunodeficiency syndrome* - AIDS), foram discutidos e durante o momento da avaliação, proporcionado durante o encontro, às agricultoras mais velhas e mais jovens tiveram o mesmo discurso de agradecimento pelo conhecimento adquirido. Um momento único, pois os temas que envolviam a sexualidade, o corpo feminino e as doenças sexualmente transmissíveis ainda não eram discutidos pela família e, causavam constrangimentos e inibições. Já na segunda década do Movimento – entre o período de 1995 a 2005 – as opiniões das mulheres se fortaleceram e pequenos grupos assumiram a coordenação do Movimento, criaram as notícias para os programas de rádio veiculados pelos sindicatos pernambucanos, e deram continuidade ao trabalho de motivação e engajamento das agricultoras nos sindicatos.

Depois desse período, os encontros anuais ficaram mais espaçados e a décima primeira reunião só aconteceu em 2002, comemorando os vinte anos de luta do Movimento, e simultaneamente se propondo a fazer uma análise conjunta na intenção de recuperar a história da organização. As técnicas de entrosamento entre as agricultoras estavam cada vez mais avançadas e contavam com voluntários de organizações e

instituições parceiras, que trabalhavam através de oficinas temáticas, as questões relacionadas à saúde, ao corpo e aos sentimentos das trabalhadoras rurais. Perguntas como: O que você sabe sobre o MMTR Sertão Central-PE? O que você aprendeu no Movimento? O que você sabe das conquistas? Quais são as dificuldades? Estes foram os títulos das temáticas trabalhadas durante o encontro. Nesse período, o MMTR-Sertão Central-PE já era visitado por trabalhadoras rurais de outros países como Alemanha, Marrocos e Moçambique, o que estimulava a comparação no estilo de produção das mulheres do campo.

Uma das fundadoras do MMTR-Sertão Central-PE, Vanete Almeida, foi convidada para integrar o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, em Brasília, atuando no período de 1996 a 2000 e renovando seu mandato por mais quatro anos, entre 2000 e 2004. No ano 2000, as trabalhadoras rurais do Sertão Central pernambucano participaram pela primeira vez, da Marcha das Margaridas³. As representações nacionais e internacionais foram impulsionadas com a participação de trabalhadoras no Congresso Mundial de Mulheres Rurais, realizado em Madrid, Espanha, em 2002. Durante a trajetória do Movimento, Vanete Almeida, recebeu diversas homenagens - Prêmio da Revista Cláudia, em São Paulo - trazendo grande visibilidade e repercussão à luta das trabalhadoras rurais. Também teve grande reconhecimento seus esforços para a fundação da Rede LAC – Rede de Mulheres Rurais da América Latina e Caribe. Com seu falecimento, em 2012, fica visível a desmobilização do Movimento, pois essa líder influenciava o grupo como articuladora financeira e política.

Na terceira década - 2006 – 2015 – houve um impulsionamento na produção de material impresso como: livros, apostilas, álbuns seriados que revelam a trajetória do Movimento (anexo I). As mulheres participavam de seminários, conferências e encontros em nível nacional e internacional. Segundo dados da FETAPE (2012) toda essa caminhada de luta e organização tem como frutos uma maior participação da mulher de forma mais incisiva dentro do sindicalismo rural. De uma forma geral, as mulheres conquistaram uma maior representatividade, sendo obrigatória a participação de 30% de mulheres nas diretorias sindicais, da Federação e da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG (FETAPE, 2012, p.6).

³ A **Marcha das Margaridas** é um encontro que a cada cinco anos reúne trabalhadoras rurais de todo o Brasil e que leva até o Congresso Nacional uma pauta, construída coletivamente, sobre as principais políticas públicas demandadas pelas mulheres agricultoras.

Em 2009 foi realizado o 13º encontro reunindo 116 participantes com o objetivo de conhecer e aprofundar os objetivos da Lei Maria da Penha, n.º 11.340, que criou os mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. O encontro buscou estimular as trabalhadoras rurais, vítimas de maus tratos, a denunciarem seus agressores. A comunicação interna do Movimento havia avançado significativamente, e as agricultoras já se comunicavam utilizando os meios tecnológicos, como a troca de e-mails e mensagens, utilizando os dispositivos móveis. Segundo relato das líderes do Movimento, que foram entrevistadas, os avanços têm contribuído muito para que as trabalhadoras rurais fiquem mais informadas e participem das atividades.

O levantamento da FETAPE de 2012, realizado por amostragem, incluindo as três regiões de Pernambuco – Agreste, Sertão e Zona da Mata – constatou que o número de trabalhadoras rurais sindicalizadas já é muito próximo do de trabalhadores: 53% são homens e 47% são mulheres. É interessante constatar que, dos sindicalizados, que estão quites com os sindicatos 48% são homens e 52% são mulheres (ABREU E LIMA, 2012, p.224).

Algumas parcerias com entidades sociais davam/dão viabilidade para publicar materiais de consulta, cartilhas, álbuns e livros destinados à história das trabalhadoras rurais, assim como viabilizar a realização dos encontros, passeatas, reuniões e deslocamentos para uma maior troca de informações. Assim, a partir desta última década, os encontros anuais deixam de ter periodicidade e o Movimento passa por reformulações estruturais. Não há registro dos encontros na forma de relatório no período de 2009 até o ano de 2015. Atualmente, o Movimento está em fase de ressignificação, com o objetivo de atrair novos investimentos e parcerias. No ano de 2015 foram realizados quatro encontros e a Universidade Federal de Pernambuco está desenvolvendo um trabalho de catalogação dos documentos e do acervo histórico do MMTR-Sertão Central-PE com a implantação de uma biblioteca virtual, chamada Vanete Almeida, em homenagem a essa fundadora do Movimento.

Este Movimento, surgido no Sertão Central pernambucano foi pioneiro no Brasil e ao longo dos mais de trinta anos de engajamento e articulação, as mulheres rurais conquistaram muitos direitos. O maior deles foi o de ter voz e voto, passando a reivindicar a participação em situações que influenciavam suas vidas como mulheres, como trabalhadoras e em outras ocasiões como moradoras do sertão pernambucano. Contabilizaram muitas conquistas: o direito de votar no âmbito sindical, de ter documentos, de ser reconhecida como trabalhadora rural, de participar das reuniões e

discussões sindicais, a pautar reivindicações e a discutir situações que influenciam suas vidas, entre outras que permitiram uma maior inserção da mulher trabalhadora rural, como sujeito político.

O processo de engajamento e articulação não é finito, porque muitas questões precisam ser melhoradas no meio rural, como, por exemplo, a implantação efetiva de políticas públicas que melhorem a qualidade de vida de homens e mulheres que vivem no espaço rural. Mas, o projeto de uma sociedade mais unitária nasceu e tem sido trabalhado ao longo desses anos, e tem valorizado trabalhadores e trabalhadoras rurais, num processo conjunto, e desafiador.

CAPÍTULO II – Revisão da Literatura

A revisão da literatura corresponde ao trabalho de busca e apreensão dos estudos que tratam ou se aproximam do tema pesquisado, ou mesmo de temas já estudados, mas que inspiram novas abordagens. Para Trentini e Paim (1999, p.68), “a seleção criteriosa de uma revisão de literatura pertinente ao problema significa familiarizar-se com textos e, por eles, reconhecer os autores e o que eles estudaram anteriormente sobre o problema”.

A partir da pesquisa exploratória, já referida neste trabalho, a pesquisadora se debruçou sobre a literatura acerca dos movimentos sociais protagonizados por mulheres agricultoras rurais, e encontrou inúmeros trabalhos acerca da temática, desenvolvidos local e nacionalmente.

No âmbito local diversos trabalhos sobre as mulheres agricultoras rurais do estado de Pernambuco foram encontrados, enfocando: Identidade (Jalil, 2013; Cordeiro, 2007;); Gênero (Siliprandi e Cintrão, 2009; Lucena, 2002); Educação (Santana, 2014; Carvalho, 2004); Trabalho (Milanês, 2015; Duarte, 2009); Movimentos Sociais (Bardalo, 2013; Souza, 2010; Heredia e Cintrão, 2006; Vieira e Santos, 2014);etc. Dentre eles pode-se destacar a dissertação de Siqueira (2015), que buscou analisar as representações sociais das mulheres rurais sobre os saberes construídos a partir da sua inserção nos movimentos sociais, localizados no município de Afogados da Ingazeira - PE. E, a tese de Jalil (2013), que apresentou uma reflexão sobre o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco como um novo sujeito político que reconfigura o mundo rural a partir de demandas e questionamentos específicos apresentados pelas mulheres rurais, como forma de ação coletiva.

Entre as produções nacionais, vários são os estudos que se preocuparam em investigar aspectos relacionados às mulheres trabalhadoras rurais, como os aspectos políticos, culturais, econômicos, sociais, etc. Do conjunto desses trabalhos pode-se citar o de Salvaro; Lago e Wolff (2013), que se ocupou do estudo sobre as identidades políticas que carregam as expressões "mulheres agricultoras" e "mulheres camponesas", a partir de um movimento rural de mulheres no período de 2006-2010, no estado de Santa Catarina. E o estudo de Silva (2007), que tem como foco a análise do papel socializador do Movimento de Mulheres do Nordeste Paraense, cuja pesquisa foi realizada no biênio 2007-2008. Trata-se de um estudo empírico de natureza qualitativa que busca analisar o Movimento de Mulheres do Nordeste Paraense enquanto movimento social regional e seu papel de agência socializante, considerando: os processos responsáveis pela socialização de mulheres agricultoras nele inseridas; a influência que as mulheres têm na socialização umas das outras e em que aspectos isso se reflete na continuidade do Movimento; como o Movimento socializa os homens ali inseridos e como estes homens influenciam a socialização das mulheres no Movimento.

Nota-se, dessa maneira, que os estudos encontrados contribuíram para a tomada de decisão acerca do objeto de pesquisa, possibilitando a construção do marco teórico que fundamenta este trabalho. Assim, analisar a trajetória do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais - MMTR, do Sertão Central do Estado de Pernambuco, no período de 1984 a 2015, implicou, também, em aprofundar conceitos como: Movimentos Sociais, Comunicação nos Movimentos Sociais e Desenvolvimento Local, que de variadas maneiras foram também encontrados na maior parte dos trabalhos revisados.

Para construir teoricamente o estudo sobre o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central-PE, faz-se necessário ressaltar a relação que existia entre o reconhecimento profissional das agricultoras e as diversas posições sociais que elas ocupavam. Entende-se, no meio rural, que há uma tensão muito forte em relação ao protagonismo da mulher. Para Jalil (2013), a liderança das trabalhadoras rurais está diretamente relacionada à manutenção da unidade produtiva, obedecendo a um tripé família-produção-trabalho. “Assim, para as mulheres rurais, a construção da identidade de trabalhadora rural passa pelo reconhecimento da importância do seu papel como reprodutora da família e como produtora de bens e valores simbólicos e culturais” (pag.49).

Ao mesmo tempo em que esses múltiplos papéis se harmonizavam, havia um fortalecimento do modelo de família com um chefe que organiza a produção e decide sobre as outras fases, e um grupo de sujeitos subordinados a esta lógica que naturaliza a divisão do trabalho e as relações de opressão em que ela se estabelece. Nesse contexto, o papel do trabalho da mulher na manutenção da roça e nas relações sociais tende a sustentar e reafirmar os discursos aprendidos que favorecem a lógica patriarcal e a consequente desvalorização da mulher como trabalhadora, como mãe e como esposa.

Percebemos que as relações sociais, como relações de poder que regem a vida das mulheres rurais no Brasil, ainda tem forte eficiência simbólica, tanto na esfera privada – família, casa e comunidade – como na esfera pública – escola, sindicatos, igrejas, conselhos – intercruzando com as questões de raça, classe e etnia. Outra questão é que mesmo a partir da organização das mulheres rurais em movimentos sociais autônomos, e com a incorporação e reconhecimento da categoria Mulher Trabalhadora Rural, estas ainda têm muitos desafios para a efetivação da cidadania plena, o que requer estratégias diferenciadas para atuarem politicamente num duplo sentido: no espaço doméstico e nos diferentes espaços públicos. (JALIL, 2013, pág.57).

Estas mulheres agricultoras nasceram em um universo rural, com base em uma agricultura do campo, tecendo assim, um modo econômico, social, político e cultural que se produziu e se produz na relação com os agentes sociais. Estabeleceram uma especificidade que lhes é própria, seja em relação ao modo de produzir e à vida comunitária, seja na forma de convivência com a seca. Os camponeses que não aceitaram os processos de exploração econômica e de dominação política de classes dominantes capitalistas construíram, de certa forma, uma identidade destinada à resistência. (Caldart, 2012).

Assim, a década de 1980 trouxe uma chance para que as mulheres do campo iniciassem seu processo de expressão, contribuindo para a criação e articulação de um movimento social crescente, em busca do reconhecimento e valorização da participação das mulheres do meio rural na sociedade. Um movimento que estava baseado na ideia de conflitos e transformações sociais, considerando o tipo de ação coletiva que emergiu de uma insatisfação grupal. Siliprandi e Cintrão (2009) ressaltaram a importância desta trajetória de engajamento das trabalhadoras rurais na conquista de seus direitos civis, o que permitiu avanços, ao mesmo tempo em que colocaram em pauta novos desafios a serem enfrentados.

O acesso aos recursos produtivos (incluindo o meio natural) e os bens simbólicos associados à agricultura familiar é marcado pelas relações de poder entre homens e mulheres, e que existem limites que impedem que as mulheres possam intervir no uso desses recursos.[...] Do ponto de vista das condições concretas para o exercício das suas atividades, é evidente o cerceamento à autonomia e a inexistência de garantias ao exercício dos seus direitos, expressos no seu precário acesso à terra, aos insumos, ao crédito, às informações, além da sua inserção subordinada na gestão das propriedades. As mulheres enfrentam ainda enormes dificuldades para assumir papéis de liderança, dadas as interdições a que são submetidas e a sua constante desvalorização social (SILIPRANDI e CINTRÃO, 2009, p. 270).

A partir dessas amplas questões, analisar os caminhos de mobilização, engajamento e organização dessas trabalhadoras rurais do sertão pernambucano, de um tempo-histórico determinado e com relações de poder desiguais, permitiu considerar que o movimento aliado a uma estratégia de comunicação diferenciada e voltada para a realidade dos movimentos sociais, propiciou uma maior atuação e mobilidade dessas mulheres. Elas construíram novos discursos, questionamentos às falas da sociedade patriarcal e se posicionaram diante das diversas situações conflituosas ao longo de mais de 30 anos de organização, influenciando diretamente no desenvolvimento das comunidades rurais.

Para Heredia e Cintrão (2006), os movimentos de mulheres rurais continuam tendo um papel fundamental, tanto na correção dos rumos das políticas e na garantia de efetivação do acesso das mulheres aos direitos conquistados, como também no impulsionamento de mudanças culturais e de auto percepção do lugar das trabalhadoras das áreas rurais como sujeitos sociais e políticos. “Como a história do movimento organizado de mulheres mostra, sem essa organização, que redundam em reivindicações concretas, as políticas públicas continuariam inexistentes ou nunca sairiam do papel” (pág.21).

Ao interacionar o campo de conhecimento dos Movimentos Sociais aos estudos sobre Comunicação, sob a perspectiva das análises de Cecília Peruzzo(2010), buscou-se identificar os meios de comunicação utilizados pelas mulheres nesse universo rural e a relação com o preparo e a divulgação das informações. Tendo como referência o estudo de Bardalo (2013), sobre movimentos sociais, foi abordada, assim, a participação dos sujeitos, como protagonistas na medida em que forjaram as mudanças pretendidas. Um processo que implicou novas posturas para facilitar a comunicação, tais como: compreender e se indignar com a exclusão das mulheres nos processos de decisão;

comprometer-se com o movimento, na perspectiva de criador de mudanças e; ressignificar seus códigos, elementos e formas de discurso.

Essa comunicação, originada pelos movimentos sociais, indica que a interação não possui um único significado, tendo conotações diferenciadas, pois surge a partir de perspectivas inversas das praticadas no meio urbano.

Numa abordagem diferenciada porque se vinculava a práticas coletivas que visavam democratizar os direitos de cidadania, como uma comunicação popular, alternativa e comunitária que é forjada e naturalmente vinculada a segmentos populacionais organizados. (PERUZZO, 2010, pag.91).

Assim, a influência exercida pela comunicação sobre as mulheres agricultoras foi significativa, levando-as, conseqüentemente, a um melhor entrosamento e comprometimento com o Movimento que repercutiu no modo de ver, sentir e viver. Trata-se de um discurso construído coletivamente, por meio da participação ativa das mulheres, mediante o uso de táticas facilitadoras do envolvimento pessoal e da auto emancipação (PERUZZO, 2010, p. 95). Segundo a autora, as principais características desse processo comunicacional, utilizado pelos movimentos sociais, são: opção política de colocar os meios de comunicação a serviço dos interesses populares; transmissão de conteúdos a partir de novas fontes de informações – do cidadão comum e de suas organizações comunitárias- e, o incremento de uma comunicação que é mais que meios e mensagens, pois se realiza como uma parte da dinâmica de organização e mobilização social, estando imbuída de uma proposta de transformação social, e ao mesmo tempo, de construção de uma sociedade mais justa e que abre a possibilidade para a participação ativa do cidadão comum como protagonista do processo.

Os estudos sobre os movimentos sociais considerou o tipo de ação coletiva que emerge do conflito, levando em conta a atuação dos sujeitos e lideranças com articulações que valorizam o objetivo a que se queria alcançar, formando um processo de mobilização, que ao se relacionar com o objeto de pesquisa, viria a (re) modelar as relações sociais no meio rural. Uma trajetória, que foi muito além do acesso formal aos direitos sociais, políticos e civis, o que inclui aspectos transversais como a valorização da autoestima, os aprendizados pessoais, a capacidade de realização e a aposta em diversas ações enquanto coletivo, como estratégia de reivindicação da vida e da melhoria nas relações sociais (CORDEIRO, 2007).

Um movimento social é uma ação coletiva cuja orientação comporta solidariedade, manifesta um conflito e implica a ruptura dos limites de compatibilidade do sistema ao qual a ação se refere (MELUCCI, 1994). Assim, entende-se que desde os primeiros anos de articulação do MMTR-Sertão Central-PE, os espaços de conversa e reflexão entre as mulheres foram priorizados, o que provocou uma quebra do isolamento das agricultoras, uma ampliação do horizonte de atuação e o fortalecimento do laço político entre as trabalhadoras rurais de diferentes cidades, em um sistema de troca de conhecimentos e experiências, em rede.

Nesse contexto, cabe considerar a ideia de rede introduzida por Melucci (1994), enquanto conjunto de grupos e sujeitos que compartilham de uma identidade coletiva e de uma cultura de movimento, comportando mensagens simbólicas que desafiam os padrões dominantes, propondo inovações sociais e culturais.

Redes submersas, baseadas em códigos culturais e solidariedades construídas no cotidiano, podem tornar-se redes com visibilidade – articulações políticas – quando pequenos grupos se mobilizam para interferir nas políticas públicas (MELUCCI, 1994, p.60).

A criação e organização do Movimento, corajosamente levou ao espaço público discussões, até então, vistas como inferiorizadas e interpretadas negativamente, transformando diretamente as decisões na comunidade local, influenciando o comportamento dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, justamente porque ampliou a participação desses sujeitos. Foram estimuladas e estabelecidas relações horizontais e, assim, aos poucos, os homens e a sociedade, começaram a perceber a voz das trabalhadoras rurais, configurando-se numa prova concreta que esses setores populares têm interesses e valores a defender comprovando que a expressão dos conflitos pode ser positiva, como é entendida em Carlos Jara (2003).

O MMTR- Sertão Central-PE contribuiu e influenciou diversas comunidades rurais da região, provocando um importante impacto no desenvolvimento local, justamente por ter como força propulsora a mobilização de trabalhadoras rurais em prol de um objetivo único. Essa união de mulheres agricultoras rurais buscou transformar a sociedade local, tendo como um exemplo, a criação de oportunidades de trabalho e renda, e dessa forma, superando diversas dificuldades para favorecer a melhoria de qualidade de vida da população, atingindo diversos segmentos: emprego, identidade, trabalho, renda, direitos, etc. Com a convivência e o desejo compartilhado de superar os

desafios econômicos e sociais daquela época, houve um aumento da intimidade, com práticas e trocas de camaradagem e familiaridade entre os sujeitos, o que proporcionou uma colaboração mútua.

Essa convergência de ações e luta por interesses comuns pode ser entendida, ao considerar o conceito de Desenvolvimento Local, que surgiu na década de 1980, e se manifestou como uma nova agenda propositiva, emergindo na tentativa de atender às crescentes demandas sociais por reconhecimento e valorização do local e de promover ações que melhorassem as condições de vida dos sujeitos sociais envolvidos. Nessa perspectiva, a organização e mobilização da sociedade local são considerados fatores inovadores e importantes para o desenvolvimento (JESUS, 2003). Ao lutarem por seu reconhecimento, discutindo temas e contestando os discursos hegemônicos de forma coletiva e colaborativa, as mulheres passaram a expressar suas opiniões e iniciaram um processo de transformação nas relações sociais, individuais e coletivas.

É exatamente nesse sentido de conexão das variadas formas de comunicação que as agricultoras se desenvolveram, ora para se expressar, congregar e interagir – fortalecendo seus discursos – ora para trocar ações e reunir ideias, pautados em afinidades, atos de confiança, cooperação e reciprocidade. Nesse sentido, foram criadas, ao longo de toda a trajetória do Movimento, redes associativas, necessárias para a promoção do desenvolvimento da região, contribuindo para a produtividade e o bem-estar das comunidades rurais. O Movimento esteve, assim, baseado em objetivos reais de promoção de melhoria da qualidade de vida das pessoas, proporcionando o incremento dos níveis de autoconfiança e organização.

É importante compreender que as mulheres no meio rural ainda lidam com uma lógica de opressão, mas as relações de poder que se estabelecem nas relações sociais passaram a ser identificadas, e o movimento social de mulheres rurais mantém sua vitalidade, provocando mudanças e questionamentos às estruturas sociais, culturais e políticas. “Os relacionamentos de confiança, reciprocidade e cooperação facilitam a construção de processos e mudança social e desenvolvimento humano, gerando sustentabilidade e enriquecimento do tecido social” (JARA, 2001, p.13).

CAPÍTULO III – Caminho Metodológico

A pesquisa, que resultou no trabalho, ora apresentado, é de natureza qualitativa, visto que considerou os aspectos subjetivos dos sujeitos que compõem a realidade

estudada como valores, crenças, etc. Seria a valorização daquilo que Granger (1967) chama de "o vivido", ou seja, "a experiência que é captada não como predicado de um objeto, mas como fluxo de cuja essência temos consciência em forma de lembranças: atitudes, motivações, valores e significados subjetivos" (GRANGER, 1967, p. 107). Assim, a pesquisa qualitativa se debruça sobre os aspectos da realidade que não podem ser quantificados, ou como afirma Minayo (1994, p.22), é uma pesquisa que "aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas".

O caminho metodológico da pesquisa foi sendo construído a partir da pesquisa exploratória anteriormente desenvolvida, com a finalidade de uma aproximação com o campo de investigação e os sujeitos da pesquisa. Um estudo pode ser considerado exploratório, quando envolve levantamento bibliográfico, contatos com pessoas que tiveram, ou têm, experiências com o problema pesquisado e outras aproximações. As pesquisas exploratórias visam proporcionar uma visão geral de um fato determinado, do tipo aproximativo (CLEMENTE, 2007). Como o próprio nome diz, a pesquisa exploratória permite uma aproximação do pesquisador com o tema pesquisado, com a intenção de explorar as dimensões desse tema, realizar um estudo preliminar que dará consistência ao objeto de pesquisa, ou seja, familiarizar-se com o fenômeno que está sendo investigado, de modo que a pesquisa subsequente possa ser desenvolvida com a devida fundamentação.

1- O universo pesquisado:

O universo da pesquisa foi a cidade de Serra Talhada (Figura 3), local onde foram realizadas as primeiras reuniões com as trabalhadoras rurais e onde está situada a sede do Polo Sindical do Sertão Central. Nesse espaço, também foram realizadas visitas à FETAPE para coleta de informações extraídas dos documentos dessa instituição, o que contribuiu para a aproximação com o objeto de estudo visto a sua importância junto ao Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais. Assim, foi possível obter cópias dos relatórios dos encontros do grupo, como também os materiais impressos produzidos pelas agricultoras, ampliando o leque de informações necessárias à investigação. Também foram realizadas entrevistas com assessoras da instituição, que acompanharam a trajetória do Movimento desde o início da década de 1990.



Figura 3: Fonte FETAPE

2- Os sujeitos da pesquisa:

Os sujeitos da pesquisa compuseram um grupo de agricultoras que fundaram o Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco; agricultoras que deram/dão continuidade ao movimento; e lideranças sindicais que integram a luta pelos direitos das mulheres do campo.

Foram entrevistadas seis trabalhadoras rurais moradoras das cidades que compõem o Sertão Central: Custódia, Caiçarina da Penha, Serra Talhada, Triunfo e São José do Belmonte. Essas mulheres ocupam cargos de presidência e diretoria dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais das regiões citadas e compõem a coordenação do MMTR Sertão Central-PE. Três das entrevistadas acompanharam o movimento desde seu surgimento, e relataram todo o início das articulações junto às trabalhadoras rurais. As outras três entrevistadas ingressaram na organização depois da década de 1990, e ocuparam cargos de liderança. Ainda foram ouvidas duas jovens trabalhadoras rurais que revelaram em seus discursos os momentos de crescimento do grupo.

Com o intuito de complementar os discursos e comparar ao que era dito na época do surgimento do MMTR-Sertão Central-PE, foram apreendidos do material

documental, os pronunciamentos e posicionamentos dos trabalhadores rurais. Na primeira década, havia pouco apoio, apenas os homens que já estavam à frente dos sindicatos e instituições revelaram seu reconhecimento ao movimento e à crescente participação da mulher. Já no começo da segunda década, se inicia um processo de aproximação dos agricultores nas reuniões e encontros organizados pelas mulheres e assim, os discursos começam a mudar e os homens do campo passam a contribuir com suas opiniões. A pesquisa também buscou identificar os discursos proferidos durante a trajetória do movimento, construídos pelas organizações e instituições parceiras.

3- As técnicas e os instrumentos da pesquisa:

O recorte da pesquisa foi espaço-temporal analisando os caminhos de mobilização, engajamento e organização do Movimento, desde o seu surgimento em 1984 até o ano de 2015. Assim, para acessar as informações que respondessem aos objetivos pretendidos recorreu-se à análise documental e à entrevista semiestruturada.

Os documentos foram prioritariamente, os constantes do acervo da FETAPE, no Recife; e os do acervo do Polo Sindical do Sertão Central, na cidade de Serra Talhada. A análise documental é constituída pelo exame de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados com vistas a uma interpretação nova ou complementar. Essa análise pode oferecer base útil para outros tipos de estudos qualitativos e possibilita que a criatividade do pesquisador dirija a investigação por enfoques diferenciados. Além disso, os documentos são uma fonte não reativa e especialmente propícia para o estudo de longos períodos de tempo. No entender de Godoy (1995b,p.25), “a análise documental visa ao exame detalhado de um ambiente, de um sujeito ou de uma situação particular”. Desse modo, ao utilizar essa técnica buscou-se levantar informações através de documentos, instrumentos de comunicação, como cartazes, cartilhas, folders, relatórios, e outros documentos que revelem sobre o surgimento, a organização, os entraves, as conquistas, enfim a trajetória do MTTR-Sertão Central-PE.

Além dos documentos, as informações foram, também, acessadas por meio da entrevista semiestruturada, que a partir de tópicos buscou apreender os processos que culminaram no surgimento do grupo e os seus desdobramentos. A entrevista semiestruturada possibilita a obtenção de informações a partir das falas dos sujeitos sociais. Para Triviños (1987, p. 152) esse tipo de entrevista “favorece não só a descrição

dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade”, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações.

As entrevistas possibilitaram a flexibilidade necessária, de maneira que questões não previstas foram adicionadas ao processo de coleta de dados para posterior análise. Esse tipo de entrevista não segue sequências rígidas de perguntas, pois como explica Manzini (1991, p. 154), “a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. Dessa forma, Manzini (1991) salienta que é possível um planejamento da coleta de informações por meio da elaboração de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos. O roteiro serviria, então, além de coletar as informações básicas, como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante.

Como instrumentos que auxiliaram as entrevistas contou-se com: diário de campo, máquina fotográfica, filmadora e gravador de áudio. O local escolhido para realização das entrevistas foi a sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Serra Talhada, por proporcionar uma maior identidade das agricultoras com o ambiente, proporcionando naturalmente uma maior aproximação da pesquisadora com as mulheres entrevistadas.

4- A metodologia de análise das informações coletadas: Análise de Discurso

Para a análise das informações acolhidas dos documentos e falas dos sujeitos pesquisados recorreu-se à Análise do Discurso – AD, porque buscou-se a compreensão de como um objeto simbólico produziu sentido, como está investido na significância para si e para os outros sujeitos envolvidos. Introduzida por Michel Pechêux (1969), a Análise de Discurso é aquela na qual a linguagem é estudada não apenas enquanto forma linguística, mas também forma material da ideologia.

Assim, este estudo considerou em suas análises não apenas o que é dito em determinado momento, mas as relações que esse dito estabelece com o que já foi dito e, até mesmo, com o não-dito, atentando, também para as posições social e histórica dos

sujeitos envolvidos, assim como para as formações discursivas às quais se filiam os discursos.

Segundo Orlandi (2009), é pela análise do discurso que se pode refletir sobre as relações significativas fundamentais entre o homem, a natureza e a sociedade na história.

Pelo discurso, lugar de produção de sentidos e de processo de identificação dos sujeitos, podemos melhor compreender o lugar de interpretação na relação do homem com a sua realidade. Por este tipo de estudo se pode conceber melhor aquilo que faz o homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se (ORLANDI, 2009, p.15).

Os discursos dos sujeitos, extraídos dos documentos e das entrevistas, foram categorizados de acordo com a posição social que esses sujeitos ocuparam/ocupam no MTTR-Sertão Central-PE ao longo do tempo recortado para esse estudo. Cabe ressaltar que o anonimato foi assegurado aos sujeitos pesquisados e que a sua identificação ao longo da análise dos seus discursos foi codificada da seguinte forma: na primeira categoria, três discursos das mulheres fundadoras (MF) do Movimento, MF1, MF2 e MF3; três discursos das mulheres líderes (ML) do Movimento – ML1, ML2 e ML3; e dois discursos das jovens mulheres (JM) trabalhadoras rurais – JM1 e JM2. A categoria seguinte é a dos discursos dos homens agricultores rurais, que envolvem três falas dos sujeitos que presenciaram o surgimento do Movimento, H1, H2 e H3; e ainda de dois homens na atualidade – HA1, HA2. A terceira categoria ressalta os discursos das instituições (I) sindicais e outras organizações, reunindo três depoimentos: I1, I2. Esses sete relatos foram extraídos dos relatórios dos encontros do Movimento entre os anos de 1995 e 2009.

CAPÍTULO IV – Os discursos que revelam a trajetória do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco.

Conhecer o caminho trilhado pelas trabalhadoras rurais do sertão pernambucano através de seus discursos foi muito gratificante e enriquecedor. O acesso às vozes desses sujeitos sociais, ricas de significados, trouxe à tona discussões sobre a posição social, reconhecimento e valorização da mulher. Perceber as ações que estimularam a mobilização e engajamento, enquanto movimento social, fez com que o sentido da ação

conjunta fosse materializado, justamente porque essas agricultoras saíram do anonimato e passaram à condição de protagonistas. Essa condição foi conquistada numa época difícil, com escassez de recursos, e que revelou a importância e grandiosidade que essa articulação trouxe, ou seja, um despertar que gerou transformações no desenvolvimento das comunidades rurais da região estudada e, especialmente transformações nas vidas das mulheres rurais.

O sujeito, enquanto produto de relações sociais, não é livre de coerções. Ele aprende a ver o mundo, adquire crenças e conhecimentos por meio dos discursos – que exprimem ideologias – que assimilam e reproduzem a partir de um lugar. Ao participarem da pesquisa, as mulheres rurais expressaram sua forma de compreender o mundo revelando uma formação discursiva e uma formação ideológica, baseadas nos seus saberes, nas suas crenças e experiências. Enquanto a formação ideológica impõe o modo de pensar e compreender o mundo, a formação discursiva impõe o que dizer. A criação de regiões de sentidos é função do discurso e, em última análise, é o discurso que servirá de suporte e determinação de identidade tanto para o sujeito discursivo quanto para a sociedade onde ele é produzido (ORLANDI, 2009).

No processo de análise das informações acessadas nos documentos e nas falas dos sujeitos pesquisados, foi possível perceber a posição de destaque que o “silêncio” ocupou na vida das mulheres rurais participantes da investigação. Os discursos “não ditos” podem ser entendidos como os diversos significantes que quando se unem possibilitam perceber o sentido. A ausência do discurso explícito pode significar ao interlocutor a compreensão de que resposta alguma também é uma resposta, e sendo assim, é composta de relações de possibilidades significantes. Dessa forma, a pesquisa permitiu entender, que o silêncio, típico no ambiente das trabalhadoras rurais, criou uma relação com os sujeitos revelando que a sua invisibilidade determinou as condições de submissão e inferioridade das mulheres estudadas na região e no tempo já referido.

Os títulos dos relatórios produzidos pelo MMTR-Sertão Central-PE são representativos do esforço em romper com o que era dito pelo discurso dominante, ou seja, o homem. São alguns desses títulos: “O que sentem e o que querem as mulheres trabalhadoras rurais do Sertão” (1984); “Quem sou eu?” (1986); “Quem somos nós?” (1986); “Por que os ricos sendo tão poucos dominam os pobres” (1986); e, ainda, os trabalhos desenvolvidos com temas interrelacionados como: Corpo X Destino (1986); Afetividade X Sexualidade (1992); Relação de poder entre mulheres (1993); Relações de gênero (1995). Esses temas, desdobrados em debates e diversas produções, marcam a

ruptura com discurso hegemônico e o silêncio das mulheres. “O silêncio é assim a respiração – o fôlego – da significação, um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é um, para o que permite o movimento do sujeito” (ORLANDI, 2009, p.13).

O discurso sempre se constrói a partir de uma totalidade histórica, na qual são produzidas as representações do mundo, reunindo as espécies de crenças e de conhecimentos. Assim, a análise dos documentos já citados e das entrevistas realizadas com os sujeitos sociais que participaram do processo investigativo, permitiu organizar os seus discursos em três categorias: os discursos das mulheres agricultoras rurais; os discursos dos homens agricultores rurais; os discursos das instituições sindicais e outras organizações.

1- Os discursos das mulheres agricultoras rurais:

Nesta categoria, foram agrupados os discursos das trabalhadoras rurais que participaram diretamente do Movimento de Mulheres, desde a sua origem, em 1984 até o período de desenvolvimento deste trabalho. Desse modo, esta categoria reclama uma subdivisão, ou seja: 1- Os discursos das mulheres fundadoras (MF) da organização, que tinham em seus argumentos, os elementos motivacionais e encorajadores, sendo essenciais para iniciar o processo de mobilização da organização; 2- os discursos das agricultoras, mulheres líderes (ML) que se destacaram e ocuparam posições de liderança e que utilizaram estratégias de comunicação para estimular a maior participação das mulheres do campo; e 3- os discursos das jovens mulheres (JM) trabalhadoras que aderiram ao grupo, após a segunda metade da década de 1990 e início dos anos 2000, revelando as contribuições que o MMTR-Sertão Central-PE proporcionou à vida das agricultoras e ao desenvolvimento local.

Além da codificação dos entrevistados, fez-se necessário explicar o lugar de onde esses sujeitos falavam, ou seja, se a fala foi extraída de um documento ou da entrevista realizada pela pesquisadora.

1.1- As mulheres fundadoras do MMTR-Sertão Central-PE

Os discursos das mulheres fundadoras do Movimento foram ricos de argumentos encorajadores, um movimento radical que transformou a forma como as agricultoras pensavam, buscavam informações e se expressavam. Ao mudar de discurso, as palavras

também começaram a mudar de sentido e neste aspecto nasceu um novo comportamento entre as mulheres trabalhadoras rurais.

Para Foucault (2005) interessa sempre indicar que o discurso, tido como verdadeiro, é portador de poder. Mas, por outro lado, ele concebe o poder como luta. O poder não possui uma identidade própria, unitária e transcendente, mas está distribuído em toda a estrutura social e é sempre socialmente produzido.

A produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2005, pág.8-9).

Esse despertar marcou o momento em que a passividade se converteu em atividade coletiva, gestual e vocal, materializando os discursos em ações e atraindo uma quantidade cada vez maior de integrantes ao Movimento. *“Precisávamos desenvolver um novo jeito de pensar nossas vidas, de mulheres rurais, nosso trabalho, nosso corpo, nossa alimentação”* (MF1).

As fundadoras do Movimento tinham como elemento inicial de seus discursos, os meios que valorizavam o compromisso com o desenvolvimento e fortalecimento das mulheres pela participação social, política, sindical e partidária, em busca da igualdade de direitos e oportunidades, e como é possível perceber no depoimento, a seguir, extraído, do relatório do encontro do Movimento, em 1985: *“Vamos dar as mãos a cada hora, descobrir as raízes desse motivo que nos exclui da sociedade em que nós estamos, quando vemos que é só o homem que quer ter participação ativa, massiva na sociedade...”* (MF2). Importa destacar que o Movimento sempre foi rico em imagens, atividades corporais e oficinas que trabalhavam o gesto e as expressões corpóreas. Essas atividades eram integradas aos encontros, porque as trabalhadoras não tinham o hábito da leitura e da escrita, fruto da restrição, e mesmo da falta de acesso aos estudos. Por essa razão, o início do movimento exigiu das suas fundadoras, um trabalho árduo, de corpo a corpo, isto é, para se chegar ao primeiro encontro foi preciso um "porta a porta", conversas com as mulheres sobre a intenção do movimento. A figura 2, encontrada no relatório do segundo encontro, em 1985, retrata muito bem o momento em que as mulheres rurais, em seus sítios, eram abordadas por uma das fundadoras do Movimento.



Figura 4 (Imagem de Ana Bosch – 1985 – Relatório do 2.º Encontro de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco, pág. 20).

O discurso da época privilegiava o masculino, o patriarcado, muito presente nos diversos espaços sociais. As fundadoras, assim, assumiram o papel de sujeitos do discurso, provocando questionamentos nas falas e atitudes dos demais sujeitos e instituições daquela época. “*A Igreja não nos dava o direito de expressar nada. No sindicato, as mulheres não tinham o direito de participar nem de ser sócia*” (MF3 - Depoimento extraído da entrevista). Para Foucault (2005, p. 47), este tipo de abordagem é o que valida a postura do sujeito fundante, que tem como papel, animar diretamente, com suas intenções, as formas vazias da língua. Uma conduta de quem está proferindo o discurso:

É ele que atravessando a espessura ou a inércia das coisas vazias, reapreende, na intuição, o sentido que aí se encontra depositado; é ele igualmente que, para além do tempo, funda horizontes de significações que a história não terá senão de explicar em seguida, e onde as proposições, as ciências, os conjuntos dedutivos encontrarão, afinal, seu fundamento.

1.2- As lideranças do MMTR-Sertão Central-PE

O trabalho inicial das fundadoras possibilitou a participação de várias outras agricultoras, ampliando o grupo. Aos poucos, as mulheres iam saindo da condição de

ouvintes passivas, e passavam a discutir os diversos temas, relatar suas experiências e expressar as dificuldades encontradas naquela época. Desse modo, foram protagonizando seus discursos, o que estimulou a liderança em diversas mulheres.

Elas buscaram para a formulação de seus argumentos, o que se conhece na AD como interdiscurso, ou seja, buscaram substanciar suas argumentações, a partir do diálogo com diversas temáticas: saúde, trabalho, renda, gênero, entre outras. *“Aprendi muito com o Movimento, passei a ter acesso a muitos conhecimentos e a trocar informações com outras mulheres, crescendo em conjunto.”* (ML1 - Depoimento extraído da entrevista).

Assim, entende-se que os discursos proferidos nessa época contribuíram para que as líderes do movimento assumissem o comando dos discursos – selecionando, informando e influenciando as agricultoras e os outros sujeitos envolvidos. Era a fala carregada de ação. Na perspectiva defendida por Maingueneau (1997), cada ato de fala é inseparável de uma instituição, aquela que este ato pressupõe pelo simples fato de ser realizado.

Levando em consideração o caráter interativo da linguagem, é possível notar que o MMTR-Sertão Central-PE formou líderes que legitimaram os seus discursos, assim como as diversas expressões corporais e artísticas. *“A língua comporta a título irredutível, escreve um catálogo completo de relações inter-humanas, toda uma coleção de papéis que o locutor pode escolher para si e impor ao destinatário”* (Maingueneau, 1997, pág. 31).

A conquista de uma maior percepção sobre os diversos temas foi possibilitada com o crescimento e amadurecimento do Movimento. Até então, as problemáticas eram apenas vivenciadas e sequer discutidas e, a maioria das mulheres não apreendiam todas as informações, dando margem às dúvidas e silenciamentos, tanto por não compreender, como por não ter coragem para expressar sua falta de entendimento. Entretanto, o movimento insistia na emersão dos temas e estimulava a participação das mulheres rurais, e, então, as agricultoras passaram a ter acesso, a apreender melhor as informações e conseqüentemente passaram a participar dos debates e a (re)construírem seus posicionamentos e expressarem suas vontades. *“O MMTR me permitiu ser livre para sonhar, andar, falar o que penso e ajudar outras mulheres que são sofredoras por não conhecer o direito de ser mulher”* (ML2 - depoimento obtido com entrevista).

Nessa trajetória do MMTR-Sertão Central-PE, a criação do programa de rádio aliada ao novo movimento social, que nascia e crescia no meio rural, foi importante para

a transmissão dos discursos que foram construídos coletivamente e transmitidos pelas mulheres agricultoras. Por meio da participação ativa dessas mulheres, esse processo implicou em novas decisões que facilitaram a comunicação, tais como: compreender e se indignar com a exclusão das mulheres nos processos de decisão; comprometer-se com o movimento na perspectiva de criador de mudanças; ressignificar seus códigos e formas de discurso. Esse envolvimento do sujeito com a comunicação é um processo de participação popular que valoriza a democracia e a cidadania, como afirmou a entrevistada: “(...) *eu tinha minha realidade de saber que mulher também era liberta, mas hoje estou sabendo que a mulher pode trabalhar na libertação de si e dos outros*” (ML3).

1. 3- As jovens mulheres agricultoras rurais do MMTR-Sertão Central-PE

As jovens agricultoras que aderiram ao MMTR-Sertão Central-PE contaram com um espaço já consolidado e ampliado de discussões e debates. Nasceram e cresceram, acompanhando suas mães e avós, aos encontros e percebendo a ocupação das trabalhadoras rurais à frente de sindicatos, associações e outras entidades. Seus discursos têm fortalecido e remodelado o Movimento e estimulado ainda mais seu engajamento em instâncias estaduais, federais e internacionais, como é possível observar no depoimento dessa entrevistada: “*Conscientizar as mulheres, que não basta ser mãe e esposa. Também ser algo mais, conhecer e saber exigir seus direitos*” (JMI).

As falas passaram a ser reescritas e reinventadas, e com espaços mais ampliados de divulgação e visibilidade como em plenárias, palestras junto a entidades parceiras, instituições de ensino, entrevistas, artigos e participação em pesquisas científicas. As jovens mulheres continuaram convidando as trabalhadoras a lutarem por seus direitos e a ocuparem os espaços que lhes cabem na sociedade. Apesar de terem conquistado um maior reconhecimento, elas ainda encontram desafios em questões antigas que atravessaram o tempo, como a violência contra a mulher, a divisão igualitária do trabalho, a isonomia salarial, entre outras.

As meninas e os meninos que nasceram dentro do Movimento, entendem a importância de as mulheres terem voz ativa nas questões que influenciam suas vidas. Essas crianças passaram a contar, na última década (2005-2015), com acesso à escola, à universidade, e contribuíram com mobilizações, articulações e reivindicações de uma vida mais justa e igualitária no campo, redefinindo assim as relações sociais no meio

rural. *“As mulheres têm mais liberdade que antes, pois com as nossas conquistas formamos associações, bancos de sementes, projetos de banheiros e fossas. Tudo isso que conseguimos foram nossas conquistas”* (JM2 - depoimento extraído do relatório do encontro do Movimento, em 2009).

Para Foucault (2005, p.49):

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar forma de discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si.

Essas jovens congregaram aos novos discursos elementos essenciais que valorizaram o saber local, aliado às principais necessidades das mulheres da zona rural, levando em consideração suas crenças e experiências de vida, conseguindo criar novos códigos e posições, ao mesmo tempo em que produziram e contribuíram com o surgimento de argumentos adequados aos diferentes contextos de comunicação. Temas importantes como Trabalho e Renda, Educação no Campo, Qualidade de Vida, Participação e Democracia passaram a fazer parte das pautas de reivindicações das trabalhadoras rurais. O relato, extraído do documento da FETAPE, em 2016, revela esta nova fase do Movimento: *“Não só o Brasil, mas outros países têm o desafio da sucessão rural. A gente espera que as pautas fiquem bem definidas para que possamos caminhar de acordo com que os jovens estão propondo”* (JM3).

Os discursos dos sujeitos investigados são compreendidos como os efeitos de sentido que surgem na relação entre interlocutores, considerando estes como sujeitos situados no contexto sócio-histórico de uma comunidade, num tempo e espaço concretos e que deixam transparecer suas ideologias nas suas falas e expressões. Pêcheux (1984) defende que o discurso se constitui na relação com os discursos anteriores, ou seja, no interior de um discurso há elementos vindos de outros lugares, outros discursos, e assim, reconhece que a heterogeneidade é constitutiva do discurso.

2- Os discursos dos homens agricultores rurais:

Com o passar dos anos os discursos dos homens, em relação às agricultoras, foi sendo reconstruído, mesmo que de forma acanhada. O número de trabalhadores rurais

que demonstraram interesse em participar dos encontros foi crescendo gradativamente. Nos primeiros seis anos do MMTR-Sertão Central – PE, 1984 a 1990 – apenas os homens que ocupavam cargos de liderança demonstravam valorização e estímulo à participação das mulheres. Na segunda década – 1995 a 2005 – eles passaram a participar da abertura e fechamento dos encontros e na última década, depois de 2006, começaram a discutir os temas transversais como AIDS, gênero e sexualidade, expondo suas ideias e ouvindo as opiniões das trabalhadoras rurais, numa importante troca de experiências para o desenvolvimento local e pioneiro no sertão pernambucano.

2.1- Os homens que presenciaram o surgimento do MMTR-Sertão Central-PE

Nas décadas de 1980 e 1990, poucos homens apoiaram a luta das mulheres e estimularam a sua participação no Movimento. Alguns deles ocupavam cargos de liderança como presidentes de sindicatos ou associações e revelavam em seus discursos, a importância da participação feminina nos espaços públicos. *“Só as mulheres reunidas, falta alguma coisa, só os homens também falta. O ideal é a luta dos dois. Homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, juntos”* (H1 Depoimento extraído do relatório do Movimento, em 1985).

Muitos discursos dos homens, daquela época, explicam o medo diante do crescimento e visibilidade conquistados pelas trabalhadoras rurais, ainda revelando na formação discursiva desses homens, os procedimentos de controle. *“nunca tinha participado de uma reunião como essa, onde a mulher está demonstrando a todo tempo sua força, sua capacidade de realizar alguma coisa. Que ela possa ter o interesse de classe, possa ser dona de si mesma, mostrar sua capacidade, isso muitas vezes, deixa o homem com inveja”*(H2 Depoimento extraído do relatório do Movimento, em 2009).

Na análise de discurso, Foucault (1997) entende que a verdade, organizada e convencionalizada pelas instituições, é estreitamente ligada à formação de sujeitos, bem como à sua linguagem. Desta forma, o saber é constituído por um conjunto de práticas discursivas, pressupõe relações que se tornam determinantes para as práticas discursivas. Esse saber constitutivo de prática é perceptível no depoimento que se segue: *“...lamento que não são todos os homens do Movimento Sindical que apoiam de verdade a luta das mulheres. Alguns veem como um movimento paralelo. Eu vejo como uma organização que pode contribuir muito na luta conjunta”* (H3).

Assim, a análise desses discursos, em muitos momentos, está associada ao poder, que se expandiu pela sociedade, assumindo formas de dominação. O poder intervém materialmente, atinge ou constitui indivíduos ideologicamente e penetra em suas atitudes cotidianas.

Nessa perspectiva, e considerando as análises de Foucault (2005), o poder mostra a alternância entre uma positividade e uma negatividade que lhe é atribuída, mantendo a ideia de propriedade e exercício de um único soberano, ou de uma minoria, sobre uma maioria. As relações de poder inserem-se em todos os lugares, em todos os níveis de relação social existentes na sociedade.

A visão do autor de que o poder se encontra nas relações sociais, sob a forma de relações de força, pressupõe a formação de resistência a todo o exercício de poder. E é no pensamento desse estudioso que se encontra a ideia de que o aparecimento dos saberes é permeado pelas relações de poder porque o sujeito é efeito-objeto de relações de poder. Saber e poder implicam-se mutuamente. Não há relação de poder sem a construção do saber e todo saber constitui novas relações de poder. Todo o exercício do poder é também um lugar de formação do saber.

Desta maneira, percebe-se que as agricultoras inverteram a ordem do discurso, e que através do conhecimento adquirido, de todo o processo de mobilização, formação e engajamento da organização social e política tiveram a chance de fomentar novos questionamentos e conquistar novos posicionamentos, que lhes garantiram visibilidade, autonomia e empoderamento.

2.2. Os homens e o Movimento na atualidade (HA)

O fato de os homens passarem a participar dos encontros anuais das trabalhadoras rurais, ouvindo suas opiniões, contribuindo com as avaliações e analisando os temas que o meio rural vivenciava naquela época, proporcionou uma ressignificação dos discursos, ressaltando a importância da participação da mulher nos sindicatos, nos trabalhos da roça e nas decisões particulares. Passou a conjugar o poder de afirmação das agricultoras, em suas participações também em espaços coletivos, afirmando que era “possível conviver de forma igual”, conforme o relatório de 1999, que avaliou o 10º encontro e que envolveu 105 trabalhadores e trabalhadoras rurais. Naquele momento, alguns homens destacaram em suas falas que foi a primeira oportunidade que tiveram de entender e discutir as situações que envolviam homens e mulheres rurais.

Essa preocupação dos homens, trabalhadores rurais, sobre as posições sociais dos homens e das mulheres, lembra a reflexão de Foucault (1997, pág.70), sobre o poder: “Trata-se de um poder que não se oporia ao poder de negar, mas o poder de constituir domínios de objetos, a propósito dos quais se poderia afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas”. No décimo encontro, realizado em 1999, uma das oficinas trabalhou o corpo, o que representou um momento de reavaliação para os trabalhadores rurais, como descreve esse trabalhador rural: “*Antes via o corpo só para trabalhar, botar força. Nesses dias aqui vimos que o corpo é muito mais que isso, é bonito e pode nos dar prazer*” (HA1. Depoimento extraído do relatório do Movimento, em 2009).

É possível perceber que os homens professavam discursos de forma diferenciada das falas que os criaram, esses discursos foram transformados através dos caminhos percorridos pelas trabalhadoras rurais dentro do MMTR-Sertão Central-PE, e lhes conferiram visibilidade e reconhecimento como constata o agricultor entrevistado: “*Por que é que a maior parte das mulheres humildes mora nas comunidades sem água encanada, sem coleta de lixo, sem saneamento? Porque é que só de um tempo pra cá os programas habitacionais garantiram à mulher financiamento à casa própria e o nome da mulher na escritura da casa?*”(HA2). Falas como esta, demonstram a preocupação dos homens rurais, em cobrar do poder público uma melhor qualidade de vida para as mulheres e suas famílias, por meio de políticas públicas habitacionais, educacionais, de saúde, etc..

A essa determinação em última instância, Pêcheux (1990) denomina “função ideológica” ou “condições de produção do discurso”. Desta forma, entende-se que uma sociedade possui várias formações ideológicas, e a cada uma delas corresponde uma “formação discursiva” que define o que se pode e se deve dizer em determinada época, em determinada sociedade. Por isso, os processos discursivos estão na fonte da produção dos sentidos e a língua é o lugar material onde se realizam os “efeitos de sentido”. Ao mudar a realidade local, trabalhadoras influenciaram trabalhadores e trabalhadores, para que juntos, mudassem o sentido de seus discursos.

3- Os discursos das instituições: sindicatos e outras organizações.

A ampliação do debate sobre a posição social das trabalhadoras rurais ganhou força depois de 2006, quando o Movimento já conquistava um maior reconhecimento,

junto às instituições nacionais e internacionais. Assim, percebia-se que no MMTR-Sertão Central-PE, as distâncias entre homens e mulheres já estavam mais estreitas e os discursos começavam a ser (re)criados, ao mesmo tempo em que surgiam novos grupos de mobilização, que buscavam dar mais visibilidade às agricultoras, se reunindo e levando as reivindicações às instâncias federais.

A voz das trabalhadoras rurais do MMTR-Sertão Central-PE era uma só e isso resultou em um processo de aprendizagem, que envolveu diversas parcerias ao longo desses mais de 30 anos de articulação, que valorizaram as experiências locais e que conseguiram convergir para o fortalecimento da organização coletiva, numa força propulsora em prol dos direitos das trabalhadoras rurais e do desenvolvimento das suas comunidades.

Me sinto cada vez mais com liberdade de pensar e agir, ter meus próprios ideais, sem que alguém indique caminhos e esses caminhos eu consigo enxergar, vê-los sem que ninguém me mostre. Graças a todo este esforço vivido em grupo, que para mim sem viver em grupo, comunidades organizadas não há mais conscientização nem igualdade (I1 depoimento obtido da entrevista).

A afinidade e o incremento da comunicação dentro do Movimento já influenciavam as comunidades rurais locais e expandia-se em nível nacional. Depois do ano de 2005, a participação das mulheres nos eventos era cada vez mais significativa: as trabalhadoras rurais já participavam de diversos eventos, como passeatas, greves, piquetes. O maior deles, como já foi referenciado, é a Marcha das Margaridas, levando propostas de melhoria da qualidade de vida das trabalhadoras rurais às instâncias federais. Os discursos estão reafirmados, rediscutidos e reagrupados: “*E como é difícil romper com tais desafios impostos às mulheres. Um tom em defesa da democracia, que diz NÃO ao retrocesso dos direitos das trabalhadoras e trabalhadores, ao conservadorismo dos governantes e ao preconceito nas suas mais diversas formas*” (I2 - Declaração extraída do relatório do Movimento, 2006). Na última Marcha (2015), as agricultoras construíram um documento com reivindicações representando o desejo de mais de 700 mil trabalhadoras rurais no Brasil.

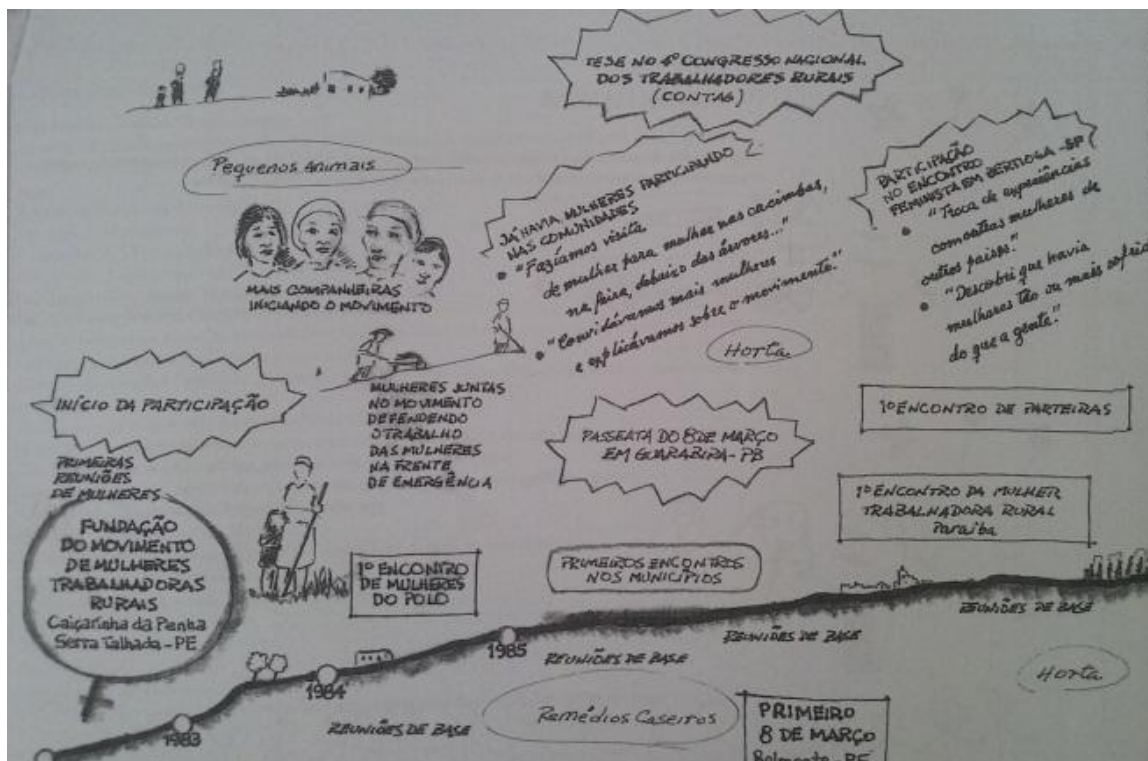


Figura 5 (Desenho da trabalhadora rural – 1995 – Relatório do 10º Encontro de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco).

As mudanças provocadas pela trajetória do MMTR-Sertão Central-PE apontaram para a necessidade de uma luta para desenvolver uma nova linguagem como elemento chave na construção de uma sociedade mais igualitária, e talvez, promover um entendimento melhor do que está inserido nesse processo de ressignificação. Uma evolução, que também foi descrita, utilizando desenhos e gravuras, como revela a imagem, produzida durante o 10º encontro do MMTR-Sertão Central-PE, por uma das trabalhadoras rurais. (Figura 5).

É preciso destacar como decisiva a participação das mulheres na formação e consolidação desse movimento social, que tem provocado avanços nos contextos locais, nacionais e estaduais, a partir de grandes ações de massa, a exemplos das mobilizações no Brasil. As mulheres trabalhadoras rurais passam a disputar e questionar a lógica da participação nos espaços da sociedade civil, em que os sujeitos não se mostram menos resistentes à sua incorporação e reconhecimento. O protagonismo dessas trabalhadoras revela um importante avanço por representar mudanças importantes de paradigmas, com o reconhecimento de um mundo rural mais sustentável, e que necessita de políticas públicas efetivas e de qualidade.

Ao longo desses mais de 30 anos de trajetória, as trabalhadoras rurais contabilizaram diversas conquistas como o reconhecimento profissional, a materialização da documentação que proporcionou a inclusão social e o acesso aos outros direitos previdenciários, eleitorais e trabalhistas; assim como o desenvolvimento de campanhas importantes como o enfrentamento a violência contra a mulher. Em nível local, lutaram pelo direito de serem assentadas, de ter crédito rural, incluindo nesse grupo, as mulheres viúvas e solteiras. Participam ainda de feiras livres e podem comercializar o produto final produzido na roça.

Considerações Finais

Analisar os caminhos de mobilização, engajamento e organização do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco foi um momento muito rico de significados, de interpretações e de estudos aprofundados sobre os sujeitos, sobre sua linguagem, suas falas, símbolos comunicacionais e as variadas formas de expressão utilizadas. A participação das trabalhadoras rurais, nesse movimento social, pioneiro no Brasil, proporcionou diversas conquistas durante mais de 30 anos de atuação, ao mesmo tempo em que iniciou um processo de transformação e ressignificação de valores no meio rural.

Nesta trajetória, levou-se em conta que o discurso foi o elo inicial de articulação do trabalho desenvolvido pelas fundadoras do Movimento, influenciando com suas palavras e abordagens às outras mulheres a participarem da luta pela igualdade nas relações sociais. A linguagem desenvolvida nesse recorte temporal foi percebida como interação em um modo de vida, aproximando as mulheres que até então viviam isoladas e silenciadas. Uma troca que não foi revelada de forma neutra, nem natural, contando com a interferência e insistência de líderes e fundadoras do Movimento que se moveram diante da não-participação das agricultoras nos sindicatos, e nos diversos espaços da sociedade. Essas mulheres tiveram a chance de entender os discursos vigentes, analisá-los, discuti-los e refazê-los; e passaram a influenciar a formação de outras líderes e jovens trabalhadoras rurais que contribuíram com o Movimento, de formas variadas diante das situações que envolviam o universo rural.

Neste trabalho procurou-se identificar as estratégias de comunicação utilizadas pelo Movimento e compreender as contribuições que a organização de trabalhadoras rurais proporcionou à vida das mulheres agricultoras e ao desenvolvimento local.

Assim, percebeu-se que em poucos anos, as agricultoras passaram a entender melhor os discursos da sociedade da época, descobriram que poderiam ir de encontro ao que era dito, se reuniram, se manifestaram em grupo e chamaram a atenção para novos discursos e posicionamentos. Conquistaram e ganharam o direito a ter voz. Falaram, influenciaram, formaram líderes e criaram programas de rádio pautados em reivindicações legítimas, influenciando a região sertaneja, o estado e o país.

Por meio do processo de articulação, as trabalhadoras rurais conquistaram o reconhecimento profissional e passaram a ser identificadas como trabalhadoras rurais. Passaram a participar das reuniões sindicais, a opinar e a exercer cargos dentro dos sindicatos. Enfrentaram diversos preconceitos e discriminações nestes espaços de poder, mas buscaram desenvolver trabalhos que beneficiaram homens e mulheres do campo, com o desenvolvimento de campanhas educativas para levar informação aos trabalhadores rurais. Atualmente, segundo dados da pesquisa, as mulheres são maioria e contribuem com o sindicato regularmente. No Polo Sertão Central, a maior parte dos sindicatos, é liderada por mulheres e tem a maioria de diretoras, inclusive, no setor financeiro. Um dado revelado pela pesquisa, é que o Sindicato dos Trabalhadores Rurais da cidade de Triunfo, conta com 90% de mulheres, tratando as questões rurais com igualdade e respeito; o que tem provocado excelentes resultados no que se refere à aplicabilidade dos direitos de homens e mulheres do campo como: orientação jurídica para o acesso aos direitos previdenciários; direito ao crédito; instruções sobre o processo de comercialização dos produtos em feiras e espaços comunitários, etc.

Desta forma, conclui-se que a participação das trabalhadoras rurais sempre foi importante e a luta por sua valorização - como trabalhadora rural, mãe e esposa - provocou o início de ações importantes e que começaram a dar alguns frutos. A participação dessas mulheres em outros espaços sociais - como sindicatos, conselhos, associações, federações, confederações - proporcionam a elas novos lugares de fala para a socialização dos repertórios construídos coletivamente. Acumulam assim capital intelectual, cultural, político e social para atuarem nestes espaços e representarem o Movimento. A participação e os saberes adquiridos nos encontros e eventos promovidos pelo Movimento foram determinantes e geraram mudanças na forma das agricultoras perceberem a vida e as relações sociais.

O Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco surgiu para quebrar preconceitos e violências na casa (espaço privado) e nas lutas sociais (espaço público). Nesta trajetória de luta e organização o MMTR-

Sertão Central- PE foi se fortalecendo nos estados, avançando nas lutas específicas e gerais, na organização de base, na formação de lideranças e na compreensão dos momentos históricos vividos. A partir desta leitura e movidas pelo sentimento de fortalecer a luta em defesa da vida, as mulheres rurais começaram a potencializar e a unificar um movimento autônomo para se expressar em nível nacional.

Um discurso que surgiu no espaço público, construído com a participação das trabalhadoras rurais do sertão brasileiro, centrada no núcleo familiar, no qual se destaca a produção agrícola e artesanal autônoma, com o objetivo de satisfazer as necessidades familiares de subsistência, mas que por outro lado comercializa parte de sua produção para garantir os recursos necessários à compra de produtos e serviços que não produz.

O Movimento ainda tem muitos desafios para enfrentar, assim como questões que não foram resolvidas ao longo desses anos de atuação, mas a marcha por desenvolvimento sustentável com democracia e justiça continua. As trabalhadoras rurais acreditam em uma Reforma Agrária que reconheça os territórios dos povos indígenas e das comunidades tradicionais, assim como uma justa repartição da terra que ainda está concentrada nas mãos de latifundiários. Elas buscam alternativas para a convivência com os efeitos da seca, e com isso, reafirmam seus discursos e intensificam os trabalhos de base, levando informação durante as reuniões e participando de atividades em prol da melhoria de vida no campo.

Os relatos atuais mostram uma procura por moradias, creches, crédito rural e fomento, ao mesmo tempo em que chamam a atenção para a carência de políticas públicas que beneficiem as mulheres do campo. As trabalhadoras têm orgulho de sua profissão e expressam através de seus relatos que querem continuar no campo, produzindo alimentos, preservando a vida, as espécies, a natureza, desenvolvendo experiências populares para a agricultura através da agroecologia, da preservação da biodiversidade, do uso de plantas medicinais, da recuperação de sementes como patrimônio dos povos e a serviço da humanidade, da alimentação saudável como soberania das nações, da diversificação da produção, da valorização do trabalho das mulheres rurais. A soma e a unificação destas experiências do campo e a participação política da mulher, legítima e confirma no Brasil, o nome do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco.

REFERÊNCIAS

- ABREU E LIMA. Maria do Socorro. **As mulheres no sindicalismo rural**, UFPE, 2012.
- ABREU E LIMA, Maria do Socorro. **Revisitando o campo: lutas, organização e contradições – Pernambuco 1962-1987**. Tese de doutorado em História apresentada à UFPE. Recife, 2013.
- ALMEIDA, Vanete; PARISIUS, C. *Ser mulher num mundo de homens: Vanete Almeida conta sua vida a Cornelia Parisius*. Serra Talhada: Universal, DED/SACTES, MMTR/NE, 1995.
- ALMEIDA, Vanete. **Lutando e Lutando**. Instituto Papai. Pernambuco, 2013.
- ALMEIDA, Vanete. PEIXOTO, Immaculada Lopez. **Uma história muito linda**. Rede de Mulheres Rurais da América Latina e Caribe. Recife, 2007. Sactes-Ded.
- ALMEIDA, Vanete. **Ser mulher no mundo de homens**. Serra Talhada: MMTR-NE-THRESHOLD FOUNDATION, 1995. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.
- BARDALO, Caroline Araújo. **Os caminhos da política: o sindicalismo rural e os movimentos de mulheres trabalhadoras rurais em Pernambuco**. Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina “Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro”. ISSN 2177-9503 10 a 13/09/2013. Grupo de Estudos de Política da América Latina.
- CALDART, Roseli, PEREIRA. Isabel Brasil, ALENTEJANO. Paulo, FRIGOTTO. Gaudêncio. **Dicionário de Educação do Campo**. Escola Politécnica de Saúde Joaqui Venâncio. São Paulo, 2012.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Modos de Educação, Gênero e Relações Escola-Família**. Cadernos de Pesquisa. v.34, n.121, jan-abril de 2004.
- CLEMENTE, Fabiane. **Pesquisa Qualitativa, exploratória e fenomenológica**. Alguns conceitos básicos. Sítio Administradores, 2007.
- CORDEIRO, Rosineide de L. Meira. **Além das secas e das chuvas: os usos da nomeação *Mulher Trabalhadora Rural* no Sertão Central de Pernambuco**. Tese de Doutorado em Psicologia Social - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.
- CORDEIRO, Rosineide de L. Meira. **Vida de agricultoras e histórias de documentos no Sertão Central de Pernambuco**. Revista Estudos Feministas, v.15 n.2 Florianópolis maio/ago. 2007.

- DUARTE, Gislelia Benini. **Práticas Agrícolas e Degradação Ambiental: um estudo para o caso da agricultura familiar no Nordeste do Brasil**. Tese de Doutorado em Economia. UFPE, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Edições Loyola. São Paulo, 1996.
- FRANÇA, Maria Severina de. **30 anos de organização das mulheres trabalhadoras rurais no sindicalismo**. Informativo da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco. Pernambuco, 2010.
- GODOY, Arilda Schimidt. **Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais**. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v.35, n.3. Maio-Jun.1995.
- GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais na contemporaneidade**. Universidade Estadual de Campinas. *Revista Brasileira de Educação* v. 16 n. 47 maio-ago. 2011.
- GRANGER, G. G., 1982. **Modèles qualitatifs, modèles quantitatifs dans la connaissance scientifique**. In: *Sociologie et Sociétés* (G. Houle, org.), vol. XIV, nº 1, pp. 07-15, Montréal: Les Presses de L'Université de Montréal. 1967.
- HEREDIA, Beatriz Maria Alásia; CINTRÃO, Rozangela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro**. *Revista NERA – ANO 9, N. 8 – JANEIRO/JUNHO DE 2006 – ISSN 1806-6755*.
- JALIL, Laetícia Medeiros. **As flores e os frutos da luta e o significado da organização da participação política para as mulheres trabalhadoras rurais**. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2013.
- JARA, Carlos Julio. **As dimensões intangíveis do desenvolvimento sustentável**. Expo Brasil Desenvolvimento Local. IICA – Brasil. Brasília: 2001.(Colaboração de Maria Verônica Moraes Souto).
- JESUS, Paulo de. Antonio David Cattani (org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores. 2003.
- LUCENA, Maria de Fátima Gomes. **Mulheres da Terra: um estudo sobre saúde e gênero na área rural de Pernambuco**. Tese. (Doutorado em Antropologia). Unicamp, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise do Discurso: uma entrevista com Dominique Maingueneau**. *Revista Virtual de Estudos de Linguagem – ReVEL*. Vol.4, n.6, março de 2006. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].
- MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

- MAINGUENEAU, D. *L'Analyse du discours. Introduction aux lectures de l'archive*. Paris: Hachete, 1991.
- MELUCCI, Alberto. **Movimentos Sociais, Renovação Cultural e O Papel do Conhecimento**. Revista Novos Estudos. Novembro, 1994.
- MILANÊS, Renata Bezerra. **Costurando roupas e roçados: as linhas que tecem trabalho e gênero no Agreste pernambucano**. Tese. (Mestrado em Ciências). UFRRJ, 2015.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. Margarida Alves: **coletânea sobre estudos rurais e gênero**. Brasília, 2006.
- MINAYO, M.^a Cecília de S. **Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social**. In. MINAYO, M.^a Cecília de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MOVIMENTO DAS MULHERES TRABALHADORAS RURAIS DO SERTÃO CENTRAL DE PERNAMBUCO. **Uma história de mulheres**. Serra Talhada, 1994.
- MOVIMENTO DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS DO SERTÃO CENTRAL DE PERNAMBUCO. **Proposta para aumentar a participação de nós mulheres, trabalhadoras rurais, no nosso movimento sindical**. Pernambuco. Serra Talhada – PE. Maio de 1985.
- MOVIMENTO DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS DO SERTÃO CENTRAL DE PERNAMBUCO. **Relatório do I Encontro de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central (dezembro de 1984)**. Serra Talhada, 1985 a 2000.
- _____. **Contra a exclusão da trabalhadora rural de chapa sindical para eleição do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Serra Talhada**: relatório. Serra Talhada – PE. Junho de 1993.
- _____. **Seca no Nordeste e suas implicações**. Serra Talhada: relatório. Novembro de 1991.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.
- PÊCHEUX, Michel. **Delimitações, Inversões, Deslocamentos**. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n.19. Campinas: Unicamp. 1990.
- _____. **Semântica e discurso**. Campinas: Pontes, 1988.

- PERUZZO, Círcia M.K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. 3ª ed. São Paulo: Vozes, 2004. 342 p
- POLO SINDICAL SERTÃO CENTRAL. **Mulher excluída do programa de emergência**. Serra Talhada: relatório. Julho de 1983.
- SALVARO, Giovana I. J.; LAGO, Mara C. de S.; WOLFF, Cristina S. "**Mulheres agricultoras**" e "**mulheres camponesas**": lutas de gênero, identidades políticas e subjetividades. *Psicologia & Sociedade*. vol.25 nº.1 Belo Horizonte, 2013.
- SANTANA, Lutemberg Francisco de. **Desigualdade de Oportunidades no meio rural do Estado de Pernambuco**. Tese. (Mestrado em Educação Popular). UFRPE, 2014.
- SILVA, Maria Evaneide Pantoja da. **Socialização de agricultoras no movimento de mulheres do Nordeste Paraense**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Agricultura Amazônica, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Pará, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária- Amazônia Oriental, Belém, 2007.
- SIQUEIRA, Alexsandra Maria de. **As representações sociais das mulheres rurais sobre os saberes construídos nos movimentos sociais para o desenvolvimento local**. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local). Universidade Federal Rural de Pernambuco - Departamento de Educação, 2015.
- SILIPRANDI, E, CINTRÃO, R. Pesquisa participação das **mulheres agricultoras no Programa de Aquisição de Alimentos (PPA)**. Quinto Produto – Análise quantitativa das modalidades operacionalizadas pelo MDS. S/1, Relatórios de Consultoria n. 1-9, dez 2009 a Nov. 2010.
- SOUZA, Maria Aparecida de O. **As mulheres trabalhadoras rurais e suas experiências de vida**. X Encontro Nacional de História Oral. Testemunhos: História e Política. Recife, 26 a 30 de abril de 2010. UFPE.
- TRENTINI, M.; PAIM, L. **Pesquisa em Enfermagem. Uma modalidade convergente**. *Revista Brasileira de Enfermagem*. Vol. 65 nº 6. Brasília Nov\Dez. 2012
- TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1987.
- VIEIRA, Iasmim de Araújo; SANTOS, Valquíria Severina. **Produções Agroecológicas de Mulheres no Nordeste do Brasil: a experiência do Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste**. 18. REDOR. Anais. Recife. UFRPE. 24 a 27 de novembro de 2014.

APÊNDICE

A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO DAS MULHERES TRABALHADORAS RURAIS DO SERTÃO CENTRAL DE PERNAMBUCO: 1984 – 2015

Resumo

O artigo apresenta uma análise da trajetória de mobilização das mulheres agricultoras rurais que originou no Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco – MMTR – Sertão Central, em Pernambuco, desde seu surgimento em 1984 até o ano de 2015. A partir de 1982, as mulheres da referida região, que trabalhavam na agricultura familiar, começaram a se reunir, discutir seus interesses, organizar seus discursos, criando assim novas relações sociais e produtivas que influenciaram suas comunidades e contribuíram significativamente para o desenvolvimento local. Ao longo de mais de 30 anos de luta, o grupo desenvolveu estratégias de comunicação diferenciadas ao mesmo tempo em que (re) construiu posicionamentos que possibilitaram uma maior autonomia, visibilidade e empoderamento às agricultoras. Para compreender o percurso deste Movimento foi construída uma metodologia de apreensão de dados com base na análise documental, na observação e na entrevista semiestruturada e, como metodologia de análise do acervo coletado foi utilizada a Análise de Discurso interacionando estas teorias aos estudos sobre comunicação nos movimentos sociais.

Palavras-Chaves: Movimento Social de Mulheres Rurais. Desenvolvimento Local. Discurso.

Abstract

The Trajectory of the RURAL WORKERS WOMEN'S MOVEMENT of the HINTERLAND of CENTRAL PERNAMBUCO: 1984-2015

The article presents a review on the path of mobilization, engagement and articulation of rural women agriculturists that resulted in the Movement of Rural Working Women of Pernambuco Outback Midland - RWWPOM - Outback Midland, PE, since its inception in 1984 until the year of 2015. Since 1982, the women of that region, who worked in family farming began to gather to discuss their concerns, organize their speeches from the exchange of experience between them and other subjects, creating new social and productive relationships that influenced their communities and contribute to local development. Over more than 30 years of struggle, the Movement developed communication strategies differentiated while (re)built speeches and positions that allowed more autonomy, visibility and empowerment to rural workers. To understand the course of this Movement was built a data seizure methodology based on document analysis, observation and the semi-structured interviews and as a methodology for analyzing the collected collection were used to Discourse Analysis, interacionando these theories to the study of communication in social movements.

Key-words: Social Movement of Rural Women. Local Development. Speech.

1. Introdução

A vida das mulheres trabalhadoras rurais do Sertão Central do estado de Pernambuco é marcada por uma história de muitas lutas e algumas conquistas. Elas nasceram e cresceram em uma sociedade machista e patriarcal, cercadas por diversos tipos de violência e desigualdades, onde as relações sociais vigentes favoreciam o poder do mais forte, ou seja, dos homens. Os discursos defendidos nessa região por padres, políticos, donos de terras, esposos e filhos, não valorizavam a participação e a opinião das mulheres, inicialmente em casa e em seguida nos diversos espaços sociais. Assim, entendia-se a mulher, dentro e fora de casa, como submissa, serviçal e voltada para os trabalhos domésticos e o bem estar de todos da família.

No início dos anos de 1980, mesmo diante dessa realidade, surge um pequeno grupo de mulheres, da citada região, que inicia um longo percurso para enfrentar e romper com os padrões sociais dessa época. As mulheres que trabalhavam na agricultura familiar começaram a se reunir, discutir seus interesses, organizar seus discursos a partir da troca de experiências entre elas e outros sujeitos, criando novas relações sociais que influenciaram na comunidade e no desenvolvimento local. Elas realizaram as primeiras articulações que contribuíram para o surgimento de um movimento liderado por trabalhadoras rurais, conferindo a estes sujeitos visibilidade e autonomia. Assim, nascia em 1984 o Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco – MMTR-Sertão Central - PE.

Com essa articulação, as agricultoras passaram a se posicionar como trabalhadoras rurais e a participar das instâncias de tomadas de decisões que influenciavam suas vidas, tanto na esfera particular quanto coletiva, lutando por seus direitos e criando uma organização pautada em legítimas reivindicações. A trajetória dessas agricultoras, destacadamente suas lutas e conquistas, tornou-se foco de interesse da pesquisa que resultou neste artigo. Desse modo, o estudo buscou compreender os elementos que foram determinantes para que as mulheres tivessem coragem de combater as dificuldades que as excluía das questões sociais, que rebatiam nas suas vidas, ao mesmo tempo em que sentiam uma maior necessidade e urgência de se reunir e se organizar enquanto movimento social.

O estudo teve como objetivo geral, analisar a trajetória do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco – MMTR-Sertão Central – PE. Assim como os objetivos específicos que foram: reconhecer as estratégias de comunicação utilizadas pelo MMTR-Sertão Central-PE para mobilização e organização das mulheres agricultoras, bem como compreender as contribuições que o MMTR-Sertão Central-PE proporcionou à vida das mulheres agricultoras e ao desenvolvimento local.

O universo da pesquisa foi o município de Serra Talhada, em Pernambuco, local onde foram realizadas as primeiras reuniões com as trabalhadoras rurais e onde está situada a sede do Polo Sindical do Sertão Central. Também foram realizadas visitas à Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco (FETAPE) para coleta de informações extraídas dos documentos dessa instituição, como também os materiais impressos produzidos pelas agricultoras⁴.

Os sujeitos da pesquisa compuseram um grupo de agricultoras que fundaram o Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco; agricultoras que deram/dão continuidade ao movimento; e lideranças sindicais que integram a luta pelos direitos das mulheres do campo. Desta maneira, foram entrevistadas seis trabalhadoras rurais moradoras das cidades que compõem o Sertão Central: Custódia, Caiçarina da Penha, Serra Talhada, Triunfo e São José do Belmonte. Essas mulheres ocupam cargos de presidência e diretoria dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais das regiões citadas e ainda compõem a coordenação do MMTR Sertão Central. Três das entrevistadas acompanharam o movimento desde seu surgimento, e relataram todo o início das articulações junto às trabalhadoras rurais. As outras três entrevistadas ingressaram na organização depois da década de 1990, e ocuparam cargos de liderança. Ainda foram ouvidas duas jovens trabalhadoras rurais que revelaram em seus discursos os momentos de crescimento do grupo.

Com o intuito de ampliar os discursos e comparar ao que era dito naquela época em que o MMTR-Sertão Central-PE surgiu, foram apreendidos do material documental, os pronunciamentos, as falas e posicionamentos dos

⁴Cartilha, folder, carta aberta e relatórios dos encontros anuais no período de 1984 a 2009.

trabalhadores rurais. Na primeira década do Movimento, apenas alguns homens que já estavam à frente dos sindicatos e instituições, apoiavam o movimento social das mulheres rurais. Eles revelaram seu reconhecimento ao grupo e à crescente participação da mulher. Já no começo da segunda década, se inicia um processo de aproximação dos agricultores nas reuniões e encontros organizados pelas mulheres e assim, os discursos começam a mudar e os homens do campo passam a contribuir com suas opiniões. A pesquisa também buscou identificar os discursos proferidos durante a trajetória do movimento, construídos pelas organizações e instituições parceiras.

Para a análise das informações acolhidas dos documentos e falas dos sujeitos pesquisados recorreu-se à Análise do Discurso – AD, visando a compreensão de como um objeto simbólico produz sentido, como está investido na significância para si e para os outros sujeitos envolvidos. Introduzida por Michel Pêcheux (1969), a Análise de Discurso é aquela na qual a linguagem é estudada não apenas enquanto forma linguística, mas também como forma material da ideologia.

Assim, este estudo considerou em suas análises não somente o que é dito em determinado momento, mas as relações que esse dito estabelece com o que já foi dito e, até mesmo, com o não dito, atentando, também para as posições social e histórica dos sujeitos envolvidos, assim como para as formações discursivas às quais se filiam os discursos.

Segundo Orlandi (1995), é pela análise do discurso que se pode refletir sobre as relações significativas fundamentais entre o homem, a natureza e a sociedade na história.

Pelo discurso, lugar de produção de sentidos e de processo de identificação dos sujeitos, podemos melhor compreender o lugar de interpretação na relação do homem com a sua realidade. Por este tipo de estudo se pode conceber melhor aquilo que faz o homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se (ORLANDI, 1995, p.15).

Os discursos dos sujeitos, extraídos dos documentos e das entrevistas, foram categorizados de acordo com a posição social que esses sujeitos ocuparam/ocupam no MTTR-Sertão Central-PE, ao longo do tempo recortado para esse estudo. Os sujeitos foram codificados da seguinte forma: na primeira categoria, três discursos das mulheres fundadoras do Movimento, MF1, MF2 e

MF3; três discursos das lideranças do Movimento – ML1, ML2 e ML3; e dois discursos das jovens mulheres trabalhadoras rurais – JM1 e JM2. A categoria seguinte revela os discursos dos homens agricultores rurais, que envolvem três falas dos sujeitos que presenciaram o surgimento do Movimento, H1, H2 e H3; e ainda de dois homens na atualidade do Movimento – HA1, HA2. A terceira categoria ressalta os discursos das instituições sindicais e outras organizações, reunidos em dois depoimentos: I1, I2.

2. Os discursos que revelam a trajetória do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco

Conhecer o caminho trilhado pelas trabalhadoras rurais do sertão pernambucano através de seus discursos implicou em valorizar as vozes desses sujeitos sociais, que se apresentaram ricas de significados. Os discursos trouxeram à tona discussões sobre a posição social, reconhecimento e valorização da mulher. Perceber as ações que estimularam a mobilização e engajamento, enquanto movimento social, fez com que o sentido da ação conjunta fosse materializado, justamente porque essas agricultoras saíram do anonimato e passaram à condição de protagonistas. Essa condição foi conquistada numa época difícil, com escassez de recursos, e que revelou a importância e grandiosidade que essa articulação trouxe, ou seja, um despertar que gerou transformações no desenvolvimento das comunidades rurais da região estudada e, especialmente transformações nas vidas das mulheres rurais brasileiras.

O sujeito, enquanto produto de relações sociais, não é livre de coerções. Ele aprende a ver o mundo, adquire crenças e conhecimentos por meio dos discursos – que exprimem ideologias – que assimilam e reproduzem a partir de um lugar. Ao participarem da pesquisa, as mulheres rurais expressaram sua forma de compreender o mundo revelando uma formação discursiva e uma formação ideológica, baseadas nos seus saberes, nas suas crenças, nas suas experiências. Enquanto a formação ideológica impõe o modo de pensar e compreender o mundo, a formação discursiva impõe o que dizer. A criação de regiões de sentidos é função do discurso e, em última análise, é o discurso que

servirá de suporte e determinação de identidade tanto para o sujeito discursivo quanto para a sociedade onde ele é produzido (ORLANDI, 1995).

No processo de análise das informações acessadas nos documentos e nas falas dos sujeitos pesquisados, foi possível perceber a posição de destaque que o “silêncio” ocupou na vida das mulheres rurais participantes da investigação. Os discursos “não ditos” podem ser entendidos como os diversos significantes que ao se unirem possibilitam perceber o sentido. A ausência do discurso explícito pode significar ao interlocutor a compreensão de que resposta alguma também é uma resposta, e sendo assim, é composta de relações de possibilidades significantes. Dessa forma, a pesquisa permitiu entender, que o silêncio, típico no ambiente das trabalhadoras rurais, criou uma relação com os sujeitos revelando que a sua invisibilidade determinou as condições de submissão e inferioridade das mulheres estudadas na região e no tempo já referido.

Os títulos dos relatórios produzidos pelo MMTR-Sertão Central-PE demonstram o esforço em romper com o que era dito pelo dominador, ou seja, o homem. São alguns desses títulos: “O que sentem e o que querem as mulheres trabalhadoras rurais do Sertão” (1984); “Quem sou eu?” (1986); “Quem somos nós?” (1986); “Por que os ricos sendo tão poucos dominam os pobres” (1986); e, ainda, os trabalhos desenvolvidos com temas interrelacionados como: Corpo X Destino (1986); Afetividade X Sexualidade (1992); Relação de poder entre mulheres (1993); Relações de gênero (1995). Esses temas, desdobrados em debates e diversas produções, marcam a ruptura com o discurso hegemônico e o silêncio das mulheres.

O silêncio é assim a respiração – o fôlego – da significação, um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é um, para o que permite o movimento do sujeito (ORLANDI, 2005, p.13).

O discurso sempre se constrói a partir de uma totalidade histórica, na qual são produzidas as representações do mundo, reunindo as espécies de crenças e de conhecimentos. Assim, a análise dos documentos já citados e das entrevistas realizadas com os sujeitos sociais, que participaram do processo investigativo, permitiu organizar os seus discursos em três categorias: os

discursos das mulheres agricultoras rurais; os discursos dos homens agricultores rurais; os discursos das instituições sindicais e outras organizações.

2.1- Os discursos das mulheres agricultoras rurais:

Nesta categoria, foram agrupados os discursos das trabalhadoras rurais que participaram diretamente do Movimento de Mulheres, desde a sua origem, em 1984 até o período de desenvolvimento deste trabalho, 2015. Contudo, esta categoria reclama uma subdivisão, ou seja: os discursos das fundadoras da organização, que tinham em seus argumentos, os elementos motivacionais e encorajadores, sendo essenciais para iniciar o processo de mobilização da organização; os discursos das agricultoras que se destacaram e ocuparam posições de liderança e que utilizaram estratégias de comunicação para estimular a maior participação das mulheres do campo; e os discursos das jovens trabalhadoras que aderiram ao grupo, após a segunda metade da década de 1990 e início dos anos 2000, revelando e comunicando as contribuições que o MMTR-Sertão Central-PE proporcionou à vida das agricultoras e ao desenvolvimento local.

2.1.1- As mulheres fundadoras do MMTR-Sertão Central-PE

Os discursos das mulheres fundadoras do Movimento foram ricos de argumentos encorajadores, um movimento radical que transformou a forma como as agricultoras pensavam, buscavam informações e se expressavam. Ao mudar de discurso, as palavras também começaram a mudar de sentido e neste aspecto nasceu um novo comportamento entre as mulheres trabalhadoras rurais.

Para Foucault (2005) interessa sempre indicar que o discurso, tido como verdadeiro, é portador de poder. E este é concebido como luta. Para ele, o poder não possui uma identidade própria, unitária e transcendente, mas está distribuído em toda a estrutura social e é sempre socialmente produzido. A reflexão sobre o poder é provocada pelo autor, a partir de questões como: o que é o poder, quais são em seus mecanismos, em seus efeitos, em suas

relações, os diversos dispositivos de poder que se exercem em níveis diferentes na sociedade, em domínios e com extensões tão variadas?

A perspectiva histórica aborda as relações entre poder, saber e subjetivação, que perpassam pela constituição do sujeito, revelando em seu estudo que a língua, o corpo e a cidade são marcados por exercícios de poder próprios à sociedade atual, compreendida, em termos foucaultianos, como uma sociedade que se pode controlar.

A construção do ideológico pode ser sintetizada a partir da seguinte forma: “a verdade está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e a apoiam e a efeitos de poder que ela induz e a reproduzem” (Foucault, 2005, p. 131). Para o autor, existe uma relação entre verdade e poder, e todos os discursos podem ser vistos funcionando em regimes de verdade.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros, os mecanismos e instâncias que permitem distinguir entre sentenças verdadeiras e falsas, os meios pelos quais cada um deles é sancionado; as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o status daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro. (FOUCAULT, 2005, pág.131).

Assim, as trabalhadoras rurais perceberam os discursos daquela época, o analisaram e a passividade do grupo se converteu em atividade coletiva, gestual e vocal, materializando os discursos em ações e atraindo uma quantidade cada vez maior de integrantes ao Movimento. *“Precisávamos desenvolver um novo jeito de pensar nossas vidas, de mulheres rurais, nosso trabalho, nosso corpo, nossa alimentação”* (MF1).

As fundadoras do Movimento tinham como ponto de partida de suas falas, os meios que valorizavam o compromisso com o desenvolvimento e fortalecimento das mulheres pela participação social, política, sindical e partidária, em busca da igualdade de direitos e oportunidades. Esse compromisso é demonstrado no depoimento, a seguir, extraído do relatório do segundo Encontro do Movimento, em 1985: *“Vamos dar as mãos a cada hora, descobrir as raízes desse motivo que nos exclui da sociedade em que nós*

estamos, quando vemos que é só o homem é que quer ter participação ativa, massiva na sociedade..." (MF2).

Importa destacar que o Movimento sempre foi rico em imagens, atividades corporais e oficinas educacionais que trabalhavam o gesto, as expressões artísticas e as contribuições dos sujeitos envolvidos. Essas atividades eram integradas aos encontros anuais, porque as trabalhadoras não tinham o hábito da leitura e da escrita, fruto da restrição, e mesmo da falta de acesso aos estudos. Por essa razão, o início do movimento exigiu das suas fundadoras, um trabalho árduo, de corpo a corpo, isto é, para se chegar ao primeiro encontro foi preciso um "porta a porta", conversas com as mulheres sobre a intenção do movimento.

As fundadoras, assim, assumiram o papel de sujeitos do discurso, provocando questionamentos nas falas e atitudes dos demais sujeitos e instituições daquela época. *"A Igreja não nos dava o direito de expressar nada. No sindicato, as mulheres não tinham o direito de participar nem de ser sócia"* (Entrevistada MF3). Para Foucault (2005), este tipo de abordagem é o que valida a postura do sujeito fundante, que tem como papel, animar diretamente, com suas intenções, as formas vazias da língua. Uma conduta de quem está proferindo o discurso:

É ele que atravessando a espessura ou a inércia das coisas vazias, reaprende, na intuição, o sentido que aí se encontra depositado; é ele igualmente que, para além do tempo, funda horizontes de significações que a história não terá senão de explicar em seguida, e onde as proposições, as ciências, os conjuntos dedutivos encontrarão, afinal, seu fundamento (FOUCAULT, 2005, p. 47).

2.1.2- As lideranças do MMTR-Sertão Central-PE

O trabalho inicial das fundadoras possibilitou a participação de várias outras agricultoras, ampliando o grupo. Aos poucos, as mulheres iam saindo da condição de ouvintes passivas, e começavam a discutir os diversos temas, relatar suas experiências e expressar as dificuldades encontradas naquela época. Desse modo, foram protagonizando seus discursos, o que estimulou a liderança em diversas mulheres.

Elas buscaram para a formulação de seus argumentos, o que se conhece na AD como interdiscurso, ou seja, procuraram substanciar suas argumentações, a partir do diálogo com diversas temáticas: saúde, trabalho, renda, gênero, entre outras. *“Aprendi muito com o Movimento. Passei a ter acesso a muitos conhecimentos e a trocar informações com outras mulheres, crescendo em conjunto.”* (Entrevistada ML1).

Assim, entende-se que o que era dito nessa época contribuía para que as líderes do movimento assumissem o comando dos discursos – selecionando, informando e influenciando as agricultoras e os outros sujeitos envolvidos, ao mesmo tempo em que acreditavam, interpretavam e seguiam as mesmas enunciações, comandos e expressões. Era a fala carregada de ação. Na perspectiva defendida por Maingueneau (1997), cada ato de fala é inseparável de uma instituição, aquela que este ato pressupõe pelo simples fato de ser realizado.

Levando em consideração o caráter interativo da linguagem, é possível notar que o MMTR-Sertão Central-PE formou líderes que legitimaram os seus discursos, reunindo também as contribuições das agricultoras, expressas em movimentos corporais e artísticos. *“A língua comporta a título irredutível, escreve um catálogo completo de relações inter-humanas, toda uma coleção de papéis que o locutor pode escolher para si e impor ao destinatário”* (MAINGUENEAU, 1997, pág.31).

A conquista de uma maior percepção sobre os diversos temas foi possibilitada com o crescimento e amadurecimento do Movimento. Até então, as problemáticas eram apenas vivenciadas e sequer discutidas e, a maioria das mulheres não apreendiam todas as informações, dando margem às dúvidas e silenciamentos, tanto por não compreender, como por não ter coragem de expressar sua falta de entendimento. Entretanto, o movimento insistia na emersão dos temas e estimulavam a participação das mulheres rurais, e, então, as agricultoras passaram a ter acesso, a apreender melhor as informações e conseqüentemente passaram a participar dos debates e a (re)construírem seus posicionamentos e expressarem suas vontades. *“O MMTR me permitiu ser livre para sonhar, andar, falar o que penso e ajudar outras mulheres que são sofredoras por não conhecer o direito de ser mulher”* (Entrevistada ML2).

Na trajetória do MMTR-Sertão Central-PE, a criação do programa de rádio aliada ao novo movimento social, que nascia e crescia no meio rural, foi importante para a transmissão dos discursos que foram construídos coletivamente e comunicados pelas mulheres agricultoras. Por meio da participação ativa dessas agricultoras, esse processo implicou novas posturas que facilitaram a comunicação, tais como: compreender e se indignar com a exclusão das mulheres nos processos de decisão, se comprometer com o movimento na perspectiva de criador de mudanças, ao mesmo tempo em que ressignificavam seus códigos e formas de discurso. Esse envolvimento do sujeito com a comunicação é um processo de participação popular que valoriza a democracia e a cidadania, como afirmou a entrevistada: “(...) *eu tinha minha realidade de saber que mulher também era liberta, mas hoje estou sabendo que a mulher pode trabalhar na libertação de si e dos outros*” (ML3).

2.1. 3- As jovens mulheres agricultoras rurais do MMTR-Sertão Central-PE

As jovens agricultoras que aderiram ao MMTR-Sertão Central-PE contaram com um espaço já consolidado e ampliado de discussões e debates. Nasceram e cresceram, acompanhando suas mães e avós, aos encontros e percebendo a ocupação das trabalhadoras rurais à frente de sindicatos, associações e outras entidades. Seus discursos têm fortalecido e remodelado o Movimento e estimulado ainda mais seu engajamento em instâncias estaduais, federais e internacionais, como é possível observar no depoimento dessa entrevistada: “*Conscientizar as mulheres, que não basta ser mãe e esposa. Também ser algo mais, conhecer e saber exigir seus direitos*” (JM1).

As falas passaram a ser reescritas e reinventadas, e com espaços mais ampliados de divulgação e visibilidade como em plenárias, palestras junto a entidades parceiras, instituições de ensino, entrevistas, artigos e participação em pesquisas científicas. As jovens mulheres continuaram convidando as trabalhadoras a lutarem por seus direitos e a ocuparem os espaços que lhes cabe na sociedade. Apesar de terem conquistado um maior reconhecimento, elas ainda encontram desafios em questões antigas que atravessaram o tempo, como a violência contra a mulher, a divisão igualitária do trabalho, a isonomia salarial, entre outras.

As meninas e os meninos que nasceram dentro do Movimento, entendem a importância de as mulheres terem voz ativa nas questões que influenciam suas vidas. Essas crianças passaram a contar, na última década, entre 2005-2015, com acesso à escola, a universidade e contribuíram com mobilizações, articulações e reivindicações de uma vida mais justa e igualitária no campo, redefinindo assim as relações sociais no meio rural. *“As mulheres têm mais liberdade que antes, pois com as nossas conquistas formamos associações, bancos de sementes, projetos de banheiros e fossas. Tudo isso que conseguimos foram nossas conquistas”* (JM2 - depoimento extraído do relatório do encontro do Movimento, em 2009).

Essas jovens congregaram aos novos discursos elementos essenciais que valorizaram o saber local, aliado às principais necessidades das mulheres da zona rural, levando em consideração suas crenças e experiências de vida, conseguindo criar novos códigos e posturas, ao mesmo tempo em que produziram e contribuíram com o surgimento de argumentos adequados aos diferentes contextos de comunicação. Tiveram como potencializador de suas mensagens, o programa de rádio, que durante toda a trajetória do grupo, atingiu mais de 57 cidades em todo o estado de Pernambuco, e somente, na região do Sertão Central envolveu nove municípios.

Para Foucault (2005, p.49):

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar forma de discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si.

Temas importantes como Trabalho e Renda, Educação no Campo, Qualidade de Vida, Participação e Democracia passaram a fazer parte das pautas de reivindicações das trabalhadoras rurais. O relato, extraído do documento da FETAPE, em 2016, revela esta nova fase do Movimento: *“Não só o Brasil, mas outros países têm o desafio da sucessão rural. A gente espera que as pautas fiquem bem definidas para que possamos caminhar de acordo com que os jovens estão propondo”* (JM3).

Os discursos dos sujeitos investigados são compreendidos como os efeitos de sentido que surgem na relação entre interlocutores, considerando

estes como sujeitos situados no contexto sócio-histórico de uma comunidade, num tempo e espaço concretos e que deixam transparecer suas ideologias nas suas falas e expressões. Pêcheux(1984) defende que o discurso se constitui na relação com os discursos anteriores, ou seja, no interior de um discurso há elementos vindos de outros lugares, outros discursos, e assim, reconhece que a heterogeneidade é constitutiva do discurso.

2.2- Os discursos dos homens agricultores rurais:

Com o passar dos anos os discursos dos homens, em relação às agricultoras, revelaram um maior reconhecimento, mesmo que de forma acanhada. O número de trabalhadores rurais que demonstraram interesse em participar dos encontros foi crescendo gradativamente. Nos primeiros seis anos do MMTR-Sertão Central – 1984 a 1990 – apenas os homens que ocupavam cargos de liderança demonstravam valorização e estímulo à participação das mulheres. Na segunda década do Movimento – 1995 a 2005 – eles passaram a participar da abertura e fechamento dos encontros e, depois de 2006, começaram a discutir os temas transversais como AIDS, gênero e sexualidade, expondo suas ideias e ouvindo as opiniões das trabalhadoras rurais, numa importante troca de experiências para o desenvolvimento local e pioneiro no sertão pernambucano.

2.2.1- Os homens que presenciaram o surgimento do MMTR-Sertão Central-PE

Nas décadas de 1980 e 1990, poucos homens apoiaram a luta das mulheres e estimulavam a sua participação no Movimento. Alguns deles ocupavam cargos de liderança como presidentes de sindicatos ou associações e revelaram em seus discursos, a importância da participação feminina nos espaços públicos. *“Só as mulheres reunidas falta alguma coisa, só os homens também falta. O ideal é a luta dos dois. Homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, juntos”* (H1 - Depoimento extraído do relatório do Movimento, em 1985).

Todavia, muitos discursos dos homens, daquela época, explicam o medo diante do crescimento e visibilidade conquistados pelas trabalhadoras

rurais, ainda revelando na formação discursiva desses homens, os procedimentos de controle:

Nunca tinha participado de uma reunião como essa, onde a mulher está demonstrando a todo tempo sua força, sua capacidade de realizar alguma coisa. Que ela possa ter o interesse de classe possa ser dona de si mesma, mostrar sua capacidade, isso muitas vezes, deixa o homem com inveja. (H2-Depoimento extraído do relatório do Movimento, em 2009).

Foucault (2005) entende que a verdade, organizada e convencionada pelas instituições, é estreitamente ligada à formação de sujeitos, bem como à sua linguagem. Desta forma, o saber é constituído por um conjunto de práticas discursivas, pressupõe relações que se tornam determinantes para as práticas discursivas. Esse saber constitutivo de prática é perceptível no depoimento que se segue:“(...) *lamento que não sejam todos os homens do Movimento Sindical que apoiam de verdade a luta das mulheres. Alguns veem como um movimento paralelo. Eu vejo como uma organização que pode contribuir muito na luta conjunta*” (H3 - Depoimento extraído do relatório do Movimento, em 2009).

Infere-se que alguns desses discursos estão associados ao poder, que se expandiu pela sociedade, assumindo formas de dominação. O poder intervém materialmente, atinge ou constitui indivíduos ideologicamente e penetra em suas atitudes cotidianas.

Nessa perspectiva, e considerando o pensamento de Foucault (1997), o poder mostra a alternância entre uma positividade e uma negatividade que lhe é atribuída, mantendo a ideia de propriedade e exercício de um único soberano, ou de uma minoria, sobre uma maioria. As relações de poder inserem-se em todos os lugares, em todos os níveis de relação social existentes na sociedade.

A visão do autor de que o poder se encontra nas relações sociais, sob a forma de relações de força, pressupõe a formação de resistência a todo o exercício de poder. E é no pensamento desse estudioso que se encontra a ideia de que o aparecimento dos saberes é permeado pelas relações de poder porque o sujeito é efeito-objeto de relações de poder. Saber e poder implicam-se mutuamente. Não há relação de poder sem a construção do saber e todo saber constitui novas relações de poder. Todo o exercício do poder é também um lugar de formação do saber.

Desta maneira, percebe-se que as agricultoras inverteram a ordem do discurso, e que através do conhecimento adquirido, de todo o processo de mobilização, formação e engajamento da organização social e política tiveram a chance de fomentar novos questionamentos e conquistar novos posicionamentos, que lhes garantiram visibilidade, autonomia e empoderamento.

2.2.2. Os homens e o Movimento na atualidade

O fato de os homens passarem a participar dos encontros anuais das trabalhadoras rurais, ouvirem suas opiniões, contribuírem com as avaliações e analisarem os temas que o meio rural vivenciava naquela época, proporcionou uma ressignificação dos discursos desses homens, ressaltando a importância da participação da mulher nos sindicatos, nos trabalhos da roça e nas decisões particulares. Passou a conjugar o poder de afirmação das agricultoras, em suas participações também em espaços coletivos, afirmando que era “possível conviver de forma igual”, conforme o relatório de 1999, que avaliou o 10º encontro e que envolveu 105 trabalhadores e trabalhadoras rurais. Naquele momento, alguns homens destacaram em suas falas que foi a primeira oportunidade que tiveram de entender e discutir as situações que envolviam homens e mulheres rurais.

Uma das oficinas trabalhou o corpo, o que representou um momento de reavaliação para os trabalhadores rurais, como descreve esse trabalhador rural: *“Antes via o corpo só para trabalhar, botar força. Nesses dias aqui vimos que o corpo é muito mais que isso, é bonito e pode nos dar prazer”* (HA1. Depoimento extraído do relatório do Movimento, em 2009).

É possível perceber que os homens professavam discursos de forma diferenciada das falas que os criaram, esses discursos foram transformados através dos caminhos percorridos pelas trabalhadoras rurais dentro do MMTR-Sertão Central-PE, e lhes conferiram visibilidade e reconhecimento como constata o agricultor entrevistado:

Por que é que a maior parte das mulheres humildes mora nas comunidades sem água encanada, sem coleta de lixo, sem saneamento? Porque é que só de um tempo pra cá os programas habitacionais garantiram à mulher financiamento à casa própria e o nome da mulher na escritura da casa? (HA2).

Falas como esta, demonstram a preocupação dos homens rurais, em cobrar do poder público uma melhor qualidade de vida para as mulheres e suas famílias, por meio de políticas públicas habitacionais, educacionais, de saúde, etc..

A essa determinação, em última instância, Pêcheux (1990) denomina como “função ideológica” ou “condições de produção do discurso”. Desta forma, entende-se que uma sociedade possui várias formações ideológicas, e a cada uma delas corresponde uma “formação discursiva” que define o que se pode e se deve dizer em determinada época, em determinada sociedade. Desse modo, os processos discursivos estão na fonte da produção dos sentidos e a língua é o lugar material onde se realizam os “efeitos de sentido”. Ao mudar a realidade local, trabalhadoras influenciaram trabalhadores e trabalhadores, para que juntos, mudassem o sentido de seus discursos.

2.3. Os discursos das instituições: sindicatos e outras organizações.

A ampliação do debate sobre a posição social das trabalhadoras rurais ganhou força depois de 2006, quando o Movimento já conquistava um maior reconhecimento, junto às instituições nacionais e internacionais. Assim, percebia-se que no MMTR-Sertão Central-PE, as distâncias entre homens e mulheres já estavam mais estreitas e os discursos começavam a ser (re)criados, ao mesmo tempo em que surgiam novos grupos de mobilização, que buscavam dar mais visibilidade às agricultoras, se reunindo e levando as reivindicações às instâncias federais.

A voz das trabalhadoras rurais do MMTR-Sertão Central-PE era uma só e isso resultou em um processo de aprendizagem, que envolveu diversas parcerias ao longo desses mais de 30 anos de articulação, que valorizaram as experiências locais e que conseguiram convergir para o fortalecimento da organização coletiva, numa força propulsora em prol dos direitos das trabalhadoras rurais e do desenvolvimento das suas comunidades.

Sinto-me cada vez mais com liberdade de pensar e agir, ter meus próprios ideais, sem que alguém indique caminhos e esses caminhos eu consigo enxergar, vê-los sem que ninguém me mostre. Graças a todo este esforço vivido em grupo, que para mim sem viver em grupo, comunidades organizadas não há mais conscientização nem igualdade (Entrevista - I1).

A afinidade e o incremento da comunicação dentro do Movimento já influenciavam as comunidades rurais locais e expandia-se em nível nacional. Depois de 2005, a participação das mulheres nos eventos foi cada vez mais significativa. As trabalhadoras rurais já participavam de diversos eventos, como passeatas, greves, piquetes. O maior deles, é a Marcha das Margaridas, levando propostas de melhoria da qualidade de vida das trabalhadoras rurais às instâncias federais. Percebe-se que na Marcha, os discursos estão reafirmados, rediscutidos e reagrupados. As Margaridas **construíram** um documento com reivindicações representando o desejo de mais de 700 mil trabalhadoras rurais no Brasil, considerando apenas o ano de 2015. *“E como é difícil romper com tais desafios impostos às mulheres. Um tom em defesa da democracia, que diz NÃO ao retrocesso dos direitos das trabalhadoras e trabalhadores, ao conservadorismo dos governantes e ao preconceito nas suas mais diversas formas”* (12 Declaração extraída do relatório do Movimento, 2006).

As mudanças provocadas pela trajetória do MMTR-Sertão Central-PE apontaram para a necessidade de uma luta para desenvolver uma nova linguagem como elemento chave na construção de uma sociedade mais igualitária, e talvez, promover um entendimento melhor do que está inserido nesse processo de ressignificação.

É relevante destacar como foi determinante a participação das mulheres na formação e consolidação desse movimento social, que tem provocado avanços nos contextos locais, nacionais e estaduais, a partir de grandes ações de massa, a exemplo das mobilizações no Brasil. As mulheres trabalhadoras rurais passam a disputar e questionar a lógica da participação nos espaços da sociedade civil, em que os sujeitos não se mostram menos resistentes à sua incorporação e reconhecimento. Mas, o protagonismo dessas trabalhadoras revela um importante avanço por representar mudanças importantes de paradigmas, com o reconhecimento de um mundo rural mais sustentável, e que necessita de políticas públicas efetivas e de qualidade.

Ao longo desses mais de 30 anos de trajetória, as trabalhadoras rurais contabilizaram diversas conquistas como o reconhecimento profissional, a materialização da documentação que proporcionou a inclusão social e o

acesso aos outros direitos previdenciários e trabalhistas; assim como o desenvolvimento de campanhas importantes como o enfrentamento da violência contra a mulher. Em nível local, lutaram pelo direito de serem assentadas, de ter crédito rural, incluindo nesse grupo, as mulheres viúvas e solteiras. Participam ainda de feiras livres e passaram a comercializar o produto final produzido na roça.

Conclusões

Analisar os caminhos de mobilização, engajamento e organização do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco - MMTR-Sertão Central-PE foi uma experiência rica de significados, de interpretações e de estudos aprofundados sobre os sujeitos, sobre sua linguagem, suas falas, símbolos comunicacionais e as variadas formas utilizadas de expressão. A participação dessas trabalhadoras rurais, no movimento social, pioneiro no Brasil, proporcionou diversas conquistas durante mais de 30 anos de atuação, ao mesmo tempo em que iniciou um processo de transformação e ressignificação de valores no meio rural.

Nesta trajetória, levou-se em conta que o discurso foi o elo inicial de articulação do trabalho desenvolvido pelas fundadoras do Movimento, influenciando com suas palavras e abordagens às outras mulheres a participar da luta pela igualdade nas relações sociais. A linguagem desenvolvida nesse recorte temporal foi percebida como interação em um modo de vida, aproximando as mulheres que até então viviam isoladas e silenciadas. Uma troca que não foi revelada de forma neutra, nem natural, contando com a interferência e insistência de líderes e fundadoras do Movimento, que se moveram diante da não-participação das agricultoras nos sindicatos e nos diversos espaços da sociedade. Essas mulheres tiveram a chance de entender os discursos vigentes, analisá-los, discuti-los e refazê-los; e passaram a influenciar a formação de outras líderes e jovens trabalhadoras rurais que já contribuíram com o Movimento, de forma diferenciada diante das situações que envolviam o universo rural.

Procurou-se identificar as estratégias de comunicação utilizadas pelo Movimento e compreender as contribuições que a organização de

trabalhadoras rurais proporcionou à vida das mulheres agricultoras e ao desenvolvimento local. Assim, percebeu-se que em poucos anos, as agricultoras passaram a entender melhor os discursos da sociedade da época, descobriram que poderiam ir de encontro ao que era dito, se reuniram, se manifestaram em grupo e chamaram a atenção para novos discursos e posicionamentos. Conquistaram e ganharam o direito a ter voz. Falaram, influenciaram e criaram programas de rádio pautado em reivindicações legítimas, influenciando a região sertaneja, o estado e o país.

Com essa articulação, as trabalhadoras rurais conquistaram o reconhecimento profissional e passaram a ser identificadas como trabalhadoras rurais. Outros avanços foram contabilizados: passaram a participar das reuniões sindicais e a opinar, foram convidadas a exercer cargos dentro dos sindicatos, e provaram seu valor e competência. Enfrentaram diversos preconceitos e discriminações nestes espaços de poder, mas buscaram desenvolver trabalhos que beneficiaram homens e mulheres do campo, com o desenvolvimento de campanhas educativas para levar informação aos trabalhadores rurais, e hoje, segundo dados da pesquisa, as mulheres são maioria e contribuem com o sindicato regularmente. Inclusive, no Polo Sertão Central, a maior parte dos sindicatos, é liderada por mulheres e têm a maioria de diretoras, também, no setor financeiro. Um dado colhido na pesquisa, é que o Sindicato dos Trabalhadores Rurais da cidade de Triunfo, conta com 90% de mulheres, tratando as questões rurais com igualdade e respeito, o que tem provocado excelentes resultados no que se refere à vivência dos direitos de homens e mulheres do campo, como orientação jurídica para o acesso aos direitos previdenciários e ao crédito rural, assim como instruções sobre o processo de comercialização dos produtos em feiras e espaços comunitários.

Desta forma, conclui-se que a participação das trabalhadoras rurais sempre foi importante e a luta por sua valorização - como trabalhadora rural, mãe e esposa - provocou ações importantes e que começaram a dar frutos. A participação dessas mulheres em outros espaços sociais - como sindicatos, conselhos, associações, federações, confederações - proporcionam a elas novos lugares de fala, o que revela os repertórios construídos coletivamente. Acumulam assim capital intelectual, cultural, político e social para atuarem nestes espaços e representarem o Movimento. Nesta discussão, é importante

ressaltar a importância da participação e o conhecimento adquirido nos encontros e eventos do grupo, pois foram determinantes e geraram mudanças na forma das agricultoras perceberem a vida e as relações sociais.

Aos poucos, o MMTR-Sertão Central-PE, foi se fortalecendo nos estados brasileiros, avançando nas lutas específicas e gerais, na organização de base, na formação de lideranças e na compreensão dos momentos históricos vividos. A partir dessas ações e impulsionadas pelo sentimento de fortalecer a luta em defesa da vida, começaram a potencializar e a unificar um movimento autônomo para se expressar em nível nacional.

O Movimento ainda tem muitos desafios a enfrentar, assim como questões que não foram resolvidas ao longo desses anos de atuação, mas a marcha por desenvolvimento sustentável com democracia e justiça continua. As trabalhadoras rurais acreditam em uma Reforma Agrária que reconheça os territórios dos povos indígenas e das comunidades tradicionais, assim como uma justa repartição da terra que ainda está concentrada nas mãos de latifundiários. Elas buscam alternativas para a convivência com os efeitos da seca, e com isso, reafirmam seus discursos e intensificam os trabalhos de base, levando informação durante as reuniões e participando de atividades em prol da melhoria de vida no campo.

A soma e a unificação destas experiências do campo e a participação política da mulher, legítima e confirma no Brasil, o nome do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco.

REFERÊNCIAS

ABREU E LIMA. Maria do Socorro. **As mulheres no sindicalismo rural**, UFPE, 2012.

ABREU E LIMA, Maria do Socorro. **Revisitando o campo: lutas, organização e contradições – Pernambuco 1962-1987**. Tese de doutorado em História apresentada à UFPE. Recife, 2013.

ALMEIDA, Vanete; PARISIUS, C. **Ser mulher num mundo de homens: Vanete Almeida conta sua vida a Cornelia Parisius**. Serra Talhada: Universal, DED/SACTES, MMTR/NE, 1995.

ALMEIDA, Vanete. **Lutando e Lutando**. Instituto Papai. Pernambuco, 2013.

ALMEIDA, Vanete. PEIXOTO, Immaculada Lopez. **Uma história muito linda**. Rede de Mulheres Rurais da América Latina e Caribe. Recife, 2007. Sactes-Ded.

ALMEIDA, Vanete. **Ser mulher no mundo de homens**. Serra Talhada: MMTR-NE-THRESHOLD FOUNDATION, 1995. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

BARDALO, Caroline Araújo. **Os caminhos da política: o sindicalismo rural e os movimentos de mulheres trabalhadoras rurais em Pernambuco**. Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina “Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro”. ISSN 2177-9503 10 a 13/09/2013. Grupo de Estudos de Política da América Latina.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Modos de Educação, Gênero e Relações Escola-Família**. Cadernos de Pesquisa. v.34, n.121, jan-abril de 2004.

CLEMENTE, Fabiane. **Pesquisa Qualitativa, exploratória e fenomenológica**. Alguns conceitos básicos. Sítio Administradores, 2007.

CORDEIRO, Rosineide de L. Meira. **Além das secas e das chuvas: os usos da nomeação *Mulher Trabalhadora Rural* no Sertão Central de Pernambuco**. Tese de Doutorado em Psicologia Social - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

CORDEIRO, Rosineide de L. Meira. **Vida de agricultoras e histórias de documentos no Sertão Central de Pernambuco**. Revista Estudos Feministas, v.15 n.2 Florianópolis maio/ago. 2007.

DUARTE, Gislelia Benini. **Práticas Agrícolas e Degradação Ambiental: um estudo para o caso da agricultura familiar no Nordeste do Brasil**. Tese de Doutorado em Economia. UFPE, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Edições Loyola. São Paulo, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais na contemporaneidade**. Universidade Estadual de Campinas. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 maio-ago. 2011.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia; CINTRÃO, Rozangela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro**. Revista NERA – ANO 9, N. 8 – JANEIRO/JUNHO DE 2006 – ISSN 1806-6755.

JALIL, Laetícia Medeiros. **As flores e os frutos da luta e o significado da organização da participação política para as mulheres trabalhadoras rurais**. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2013.

JARA, Carlos Julio. **As dimensões intangíveis do desenvolvimento sustentável**. Expo Brasil Desenvolvimento Local. IICA – Brasil. Brasília: 2001.(Colaboração de Maria Verônica Moraes Souto).

JESUS, Paulo de. Antonio David Cattani (org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores. 2003.

LUCENA, Maria de Fátima Gomes. **Mulheres da Terra: um estudo sobre saúde e gênero na área rural de Pernambuco**. Tese. (Doutorado em Antropologia). Unicamp, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise do Discurso: uma entrevista com Dominique Maingueneau**. Revista Virtual de Estudos de Linguagem – ReVEL. Vol.4, n.6, março de 2006. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

MAINGUENEAU, D. *L'Analyse du discours. Introduction aux lectures de l'archive*. Paris: Hachete, 1991.

MELUCCI, Alberto. **Movimentos Sociais, Renovação Cultural e O Papel do Conhecimento**. Revista Novos Estudos. Novembro, 1994.

MILANÊS, Renata Bezerra. **Costurando roupas e roçados: as linhas que tecem trabalho e gênero no Agreste pernambucano**. Tese. (Mestrado em Ciências). UFRRJ, 2015.

MOVIMENTO DAS MULHERES TRABALHADORAS RURAIS DO SERTÃO CENTRAL DE PERNAMBUCO. **Uma história de mulheres**. Serra Talhada, 1994.

MOVIMENTO DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS DO SERTÃO CENTRAL DE PERNAMBUCO. **Proposta para aumentar a participação de nós mulheres, trabalhadoras rurais, no nosso movimento sindical. Pernambuco**. Serra Talhada – PE. Maio de 1985.

MOVIMENTO DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS DO SERTÃO CENTRAL DE PERNAMBUCO. **Relatório do I Encontro de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central (dezembro de 1984)**. Serra Talhada, 1985 a 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.

PÊCHEUX, Michel. **Delimitações, Inversões, Deslocamentos. Cadernos de Estudos Linguísticos**, n.19. Campinas: Unicamp. 1990.

_____. **Semântica e discurso**. Campinas: Pontes, 1988.

PERUZZO, Cicilia M.K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. 3ª ed. São Paulo: Vozes, 2004.

POLO SINDICAL SERTÃO CENTRAL. **Mulher excluída do programa de emergência. Serra Talhada: relatório**. Julho de 1983.

SALVARO, Giovana I. J.; LAGO, Mara C. de S.; WOLFF, Cristina S. **"Mulheres agricultoras" e "mulheres camponesas": lutas de gênero, identidades políticas e subjetividades**. *Psicologia & Sociedade*. vol.25 nº.1 Belo Horizonte, 2013.

SANTANA, Lutemberg Francisco de. **Desigualdade de Oportunidades no meio rural do Estado de Pernambuco**. Tese. (Mestrado em Educação Popular). UFRPE, 2014.

SILVA, Maria Evaneide Pantoja da. **Socialização de agricultoras no movimento de mulheres do Nordeste Paraense**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Agricultura Amazônica, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Pará, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária- Amazônia Oriental, Belém, 2007.

SIQUEIRA, Alexsandra Maria de. **As representações sociais das mulheres rurais sobre os saberes construídos nos movimentos sociais para o desenvolvimento local**. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local). Universidade Federal Rural de Pernambuco - Departamento de Educação, 2015.

SILIPRANDI, E, CINTRÃO, R. Pesquisa participação das **mulheres agricultoras no Programa de Aquisição de Alimentos (PPA)**. Quinto Produto – Análise quantitativa das modalidades operacionalizadas pelo MDS. S/l, Relatórios de Consultoria n. 1-9, dez 2009 a Nov. 2010.

SOUZA, Maria Aparecida de O. **As mulheres trabalhadoras rurais e suas experiências de vida**. X Encontro Nacional de História Oral. Testemunhos: História e Política. Recife, 26 a 30 de abril de 2010. UFPE.

VIEIRA, Iasmim de Araújo; SANTOS, Valquíria Severina. **Produções Agroecológicas de Mulheres no Nordeste do Brasil: a experiência do Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste**. 18. REDOR. Anais. Recife. UFRPE. 24 a 27 de novembro de 2014

ANEXOS



Encontro das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central, em Serra Talhada, 2015. Preparativos para a Marcha das Margaridas e homenagem póstuma a uma das líderes do Movimento, Vanete Almeida. A segunda foto ao lado revela um instante da Marcha, em Brasília, agosto de 2015. Reuniram 700 mil trabalhadoras rurais de todo o Brasil.





Reunião das Trabalhadoras Rurais do MMTR-Sertão Central – PE com representantes do poder público municipal, estadual e da FETAPE. Serra Talhada, 2015.



Reunião de trabalhadoras rurais do MMTR-Sertão Central – PE valoriza a união e fortalece os discursos de mobilização e engajamento do movimento. Participação de trabalhadores rurais.

Maio de 2006 Jornal de Serra 15

“Guerreira da paz” é destaque em livro

O trabalho pioneiro que a pernambucana Vanete Almeida desenvolve há mais de 30 anos nos movimentos de trabalhadoras rurais, e no Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais no Sertão Central de Pernambuco, é reconhecido mundialmente. A prova é que a ativista ganhou o Prêmio Cláudia, em 2002, e foi selecionada para concorrer cotativamente com mil mulheres de 154 países ao prêmio Nobel da Paz, em 2005.

A história da pernambucana, que nasceu há 63 anos no município de Cachoeira, pode ser conferida no livro *Brasileiras Guerreiras da Paz*, que traz a biografia das 52 mulheres do País indicadas ao prêmio Nobel. Publicado pela Editora Contexto, com coordenação de Clara Charf, textos de Carla Rodrigues, Fernanda Pompeu e Patrícia Negrão, a obra foi lançada no dia 30 de março, às 19h,

no Museu da Casa Brasileira, em São Paulo.

Vanete começou a atuar nos sindicatos dos trabalhadores rurais do Sertão Central na década de 80. Ao notar que não existia a participação feminina, ela partiu para a mobilização das mulheres do campo. “Aos poucos, elas começaram a aparecer nas reuniões, duas, três, mas não falavam. Tinham medo”, diz ela.

Da primeira reunião em dezembro de 1982, em Serra Talhada, realizada com pouco mais de 10 mulheres, o movimento das trabalhadoras rurais se expandiu para as cidades vizinhas, para o Nordeste

e para a América Latina. Hoje o movimento liderado por Vanete, que também coordena a Rede de Mulheres Rurais da América Latina e Caribe, articulando 25 países, reúne mais de 100 grupos, com cerca de 400 mulheres, de 12 municípios pernambucanos.

Elas estão à frente de sindicatos, coordenam encontros e têm consciência e reivindicam direitos trabalhistas, saúde, educação, respeito ao corpo e conservação ambiental.

“Nesses anos, sofri muito por ver um povo tão trabalhador muitas vezes não ter o que comer. Mas me alegro com o progresso das trabalhadoras rurais”, conclui Vanete.



Vanete: Suas ações em prol das trabalhadoras rurais são reconhecidas mundialmente

Repercussão do MMTR-Sertão Central – PE em jornais locais, estaduais e nacionais.



Escritores e pesquisadores em entrevista a uma das líderes do Movimento.